

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

ANDRÉIA PRADO LIMA

AGORA: O FUNCIONAMENTO DE UM ITEM LINGUÍSTICO

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

2014

ANDRÉIA PRADO LIMA

AGORA: O FUNCIONAMENTO DE UM ITEM LINGUÍSTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística na área de Linguística Histórica e Sociofuncionalismo.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientador: Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

2014

Lima, Andréia Prado.

L696a Agora: o funcionamento de um item linguístico / Andréia Prado Lima, 2014.
97f.

Orientador (a): Jorge Augusto Alves da Silva.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2014.
Inclui referências.

1. Gramaticalização. 2. Gramática – Funcionalismo.
Silva, Jorge Augusto Alves da. II. Universidade Estadual Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. T.

CDD: 415

Catálogo na fonte: Elinei Carvalho Santana - CRB 5/1026
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Now: the operation of a language item

Palavras-chave em inglês: Functionalism. Grammaticalization. *agora*.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (Presidente-Orientador); Profa. Dra. Valéria Viana Sousa (UESB); Prof. Dr. Dante Eustachio Lucchesi Ramaccioti (UFBA)

Data da defesa: 24 de fevereiro de 2014.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

ANDRÉIA PRADO LIMA

AGORA: O FUNCIONAMENTO DE UM ITEM LINGUÍSTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística na área de Linguística Histórica e Sociofuncionalismo.

Data da aprovação: 24 de fevereiro de 2014.

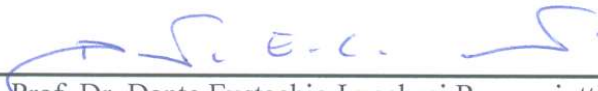
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)
(Orientador)



Profª. Drª Valéria Viana Sousa (UESB)



Prof. Dr. Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti (UFBA)

*Para Mainha e Rebeca,
meu espelho e meu reflexo.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, eu agradeço por TUDO. Ele tem pensado muito em mim e me dado presentes maravilhosos. Um deles foi o Mestrado. Sim, só por Ele cheguei até aqui. É d'ele toda honra e glória.

À FAPESB pelo apoio financeiro à pesquisa.

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva, que é, sem dúvida, o melhor orientador que um mestrando gostaria de ter! Sábio, solícito, sempre com um elogio pronto e um incentivo nos momentos mais decisivos. Jorge, lá no início você prometeu que iria segurar em minha mão para juntos atravessarmos essa estrada e assim foi. Obrigada por ser, simplesmente por ser!

À professora Profa. Dra. Valéria Viana Sousa, por ter sido a primeira a sonhar comigo o **agora**. Também pelas valiosas contribuições na banca de defesa da dissertação. Valéria, eu não poderia ter tido sorte maior, você é incrivelmente competente, humana, paciente e, sua presença, sempre constante nesses dois anos, foi fundamental para o sucesso do **agora**. Obrigada!

Jorge e Valéria se completam. Passado e presente Linguístico amparados. Juntos criaram o *Grupo Janus* – Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – que aqui venho agradecer pelo companheirismo e cumplicidade na caminhada. Juntos, iremos longe!

À professora Consuelo de Paiva Costa por ter participado de minha qualificação e ter sido tão generosa tanto nas correções e sugestões quanto na sensibilidade naquele dia tão dramático. Agradeço ainda ao professor Dante Lucchesi por prontamente aceitar participar de minha defesa e novamente a Consuelo por também participar da defesa.

À minha família sempre incentivadora e presente nessa longa caminhada acadêmica. Não há nada mais precioso do que ter sempre alguém com quem conversar: Juarez de Lima, meu pai herói, dos tempos de menina, que me ensinou a ler e a gostar de ler. Eurídice Prado, minha mãe heroína da vida toda, inspiração, exemplo, quem eu quero ser quando crescer. Alda, Elmo e Alba meus irmãos e admiradores por quem eu quero caminhar para ajudá-los sempre

que necessitarem. Rebeca, minha princesa que tem crescido em meio aos livros e papéis. Beca, tudo é pra você meu amor! Meu desejo é que você seja o melhor de mamãe. Wallas, meu esposo e companheiro no Mestrado, leitor, experimentador, parceiro de discussões sempre pronto para opinar, corrigir, acrescentar e me aguentar! Sem você meu querido, eu não teria chegado até aqui. Sua presença foi fundamental nesse processo.

Aos meus colegas de mestrado, companheiros das dúvidas, dissabores e alegrias desse momento acadêmico. Em especial agradeço a Débora Araújo e Tauana Paixão, que além de colegas de graduação e mestrado são minhas amigas, com vocês foi tudo mais leve.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), por toda dedicação e conhecimento compartilhado.

*A vida não para
Tempo que se tem pra viver
É agora
Hora melhor
Realizar
O futuro
Realizar
Hora melhor
É agora
Geraldo Azevedo*

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar, sob a luz da Teoria Funcionalista, o processo de Gramaticalização do item **agora** que, na Tradição Gramatical, é comumente classificado como um advérbio de tempo presente e, numa abordagem sincrônica, observa-se, no entanto, que tal elemento pode representar uma maior abstração entre os falantes. Nessa perspectiva, foram selecionados e categorizados os padrões funcionais do **agora**, encontrados nos enunciados do *Corpus* de Português Popular de Vitória da Conquista – BA do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. Neste trabalho, inicialmente, apresentamos uma sucinta abordagem sobre o Funcionalismo cujo propósito principal é observar a língua do ponto de vista do uso. Descreveremos o processo de Gramaticalização, a partir dos postulados de Hopper (1991) apud Neves (2001) e Gonçalves (2007) que demonstram como um item que ocupa a classe dos advérbios pode migrar para uma função de conector. Demonstramos que tal processo vem ocorrendo com a unidade linguística **agora** trazendo a história desse item e como ele é exposto em compêndios gramaticais e em dicionários etimológicos do português. Em seguida, observamos como esse elemento linguístico é tratado em trabalhos recentes especialmente em Rodrigues (2009), Duque (2009) e Philippsen (2011). Finalmente, as ocorrências da unidade, no *corpus* supracitado, foram selecionadas, analisadas e categorizadas no *corpus* supracitado, demonstrando que o item **agora** transita por classes além dos advérbios. Dialogando com Neves (2001), verificamos ainda que este item linguístico parte do mais concreto – advérbio de tempo – para ser encontrado, em funcionamento na língua em uso tal como uma conjunção e introdutor discursivo, depois de sofrer o processo de Gramaticalização, referindo-nos ao arranjo linear ESPAÇO > TEMPO > TEXTO, além de ter o seu espectro temporal ampliado, ocupando um nível de abstração mais alto.

PALAVRAS-CHAVE

Funcionalismo. Gramaticalização. *agora*.

ABSTRACT

The present work aims at analyzing, under the functionalist theory, the process of Grammaticalization of the item **agora** which, according to the grammatical tradition, is commonly classified as an adverb of present time and, under a synchronic approach, however, one may observe that this element may represent a greater abstraction among the speakers. Considering the last perspective, patterns of **agora** found in the Corpus de Português Popular de Vitória da Conquista – BA, from Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica and of Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq, were selected and categorized. In this work, initially, we give a brief treatment about functionalism which main purpose is to observe language according to its usage. We are going to describe the process of grammaticalization, According to the postulates of Hopper (1991) apud Neves (2001) and Gonçalves (2007) that demonstrate how one item which occupies one class of adverbs can migrate to a connection function. We demonstrate that this process is happening to the linguistic unit **agora**, presenting the history of this item and the way it is exposed in grammatical compendiums and in etymological dictionaries of Portuguese. Next, we observe how this linguistic element is dealt in recent works especially in Rodrigues (2009), Duque (2009) and Philippsen (2011). Finally, the occurrences of the unit, in the *corpus* mentioned above, were selected, analyzed and categorized, demonstrating that the item **agora** moves through classes beyond adverbs. Considering the works of Neves (2001), one may verify that this linguistic item goes from a more concrete sense – adverb of time - to be found, functioning as a conjunction and speech introducer, after having suffered the Grammaticalization process, referring to the linear arrangement SPACE > TIME > TEXT. Moreover, it has its temporal spectrum amplified, occupying a higher level of abstraction.

KEY WORDS

Functionalism. Grammaticalization.*agora*.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 – Comparação dos dicionários do século XVIII ao XXI: sentidos e usos do agora	40
Figura 2 – Visão do corpus do PPVC usado no escopo deste trabalho	51
Figura 3 – Demonstrativo das ocorrências do agora no corpus do PPVC	59
Figura 4 – Análise quantitativa dos dados: uso + concreto	60
Figura 5 – Análise quantitativa dos dados uso + concreto	61
Figura 6 – Análise quantitativa dos dados uso + abstrato	62
Figura 7 – Análise quantitativa dos dados uso + concreto	64
Figura 8 – Comparação entre a Forma prototípica e as Formas não-prototípicas	64

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A LINGÜÍSTICA ENQUANTO CIÊNCIA	15
1.1 Funcionalismo	16
1.2 Sociofuncionalismo	20
1.3A Gramaticalização e seus pressupostos	22
1.4 A classe dos advérbios	28
1.4.1 <i>Gramáticos clássicos</i>	29
1.4.2 <i>Gramáticos tradicionais</i>	30
1.4.3 <i>Gramáticos descritivos</i>	31
1.5 O advérbio agora	33
1.5.1 <i>O advérbio agora: um breve percurso histórico</i>	33
1.5.2 <i>Dicionários etimológicos</i>	35
1.5.3 <i>Dicionários gerais</i>	36
1.5.4 <i>O advérbio agora: Reflexões</i>	40
1.5.5 <i>Estudos pioneiros: Gramática do Português Falado</i>	41
1.5.6 <i>Estudos contemporâneos</i>	43
2 METODOLOGIA	
2.1 O português popular: caracterização	50
2.2 A comunidade de fala de Vitória da Conquista	50
2.3 A construção do <i>corpus</i>: seleção de informantes	51
2.4 Análise quantitativa dos Informantes	51
2.4.1 <i>As entrevistas</i>	53
3 ANÁLISE DOS DADOS	
3.1 Funcionamento do agora no <i>corpus</i>: categorias	54
3.1.2 <i>Função advérbio [+ referência temporal presente]</i>	54
3.1.3 <i>Função advérbio [+ referência temporal passada]</i>	55
3.1.4 <i>Função advérbio [+ referência temporal futura]</i>	56

3.1.5 <i>Função Introdutor discursivo</i>	56
3.1.6 <i>Função Conector [+ adversativo]</i>	57
3.1.7 <i>Função Conector [+ explicativo]</i>	58
3.2 Dados gerais	59
3.3 Uso da forma prototípica	60
3.3.1 <i>Uso da forma não-prototípica</i>	62
3.3.2 <i>Forma prototípica X Forma não-prototípica</i>	64
3.4 Variáveis	64
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
5 REFERÊNCIAS	68
ANEXOS	73

INTRODUÇÃO

O Funcionalismo¹ agrega aos seus objetos de pesquisa, usos linguísticos que não foram objetos de estudo ao longo da tradição gramatical. Os itens linguísticos, estudados nessa abordagem, são observados pela sua transformação de sentido e de forma durante o percurso de uso da língua, o que resulta em assumirem diferentes funções de sua prototipicidade original.

No quadro funcional de estudo de itens linguísticos, o processo de gramaticalização tem lugar de destaque, pois constitui as mudanças de itens lexicais em itens gramaticais ou de itens menos gramaticais em mais gramaticais.

O sistema linguístico, assim, reconhecidamente, está em constante variação, seja de natureza sintática, fonológica, semântica ou morfológica. Algumas delas estáveis, outras, sinalizando mudanças. Essas mudanças e diferentes usos de itens linguísticos justificam pesquisas aprofundadas para melhor conhecimento do funcionamento da língua em uso. Nessa percepção, o item linguístico **agora** merece uma investigação acurada, afinal, ele pode ser observado em contextos com uma relação sintática-semântica não previstas, pela tradição gramatical.

O **agora** teve origem no item linguístico latino *nunc*, “neste momento”, que, ainda no português arcaico, adquiriu a forma *hac hora*, “locução ablativa para agora” e, em seguida, em seu percurso histórico, **agora** o item que pode ser encontrado nos mais diferentes textos tanto de origem popular quanto clássicos em toda a trajetória da língua portuguesa.

Acreditamos que o item linguístico em estudo, que, na tradição gramatical, está vinculado à classe dos advérbios de tempo, tem sido utilizado atualmente em formas diferentes do padrão canônico. Tal trajetória pode ser evidenciada, inicialmente, com a ampliação do escopo temporal no qual os usos do **agora** partem da categoria de ‘neste momento’, ou seja, presente, para o funcionamento como momento futuro ou passado, em estruturas do tipo: “fez maior bagunça, e **agora** tem que vim uns papel de Salvador, **agora** no

¹ Em uma disciplina a respeito da Linguística Histórica tive meu primeiro contato com o pensamento funcionalista. Foi quando comecei a perceber com outras nuances, os usos do item **agora**, especialmente na comunidade onde moro, a cidade de Vitória da Conquista, BA. Percebi que o funcionalismo não se limitava a uma corrente teórica, configurando-se, de fato, como um programa de pensamento extenso e amplamente aplicável às Ciências Humanas. Era o quadro perfeito para que eu desenvolvesse minhas pesquisas a respeito do **agora**.

mês que vem, **agora** em abril que vai ligar” (E.S.B. 45 anos, mulher) e “Tem dezesseis anos. Dezesseis anos, não. Dezessete. Fez **agora**, em Dezembro” (S.J.S.33 anos, mulher).

Além dessa ampliação do escopo temporal, o item vai, também, abandonando características de sua categoria prototípica básica – como a possibilidade de movimentação no enunciado e a vinculação verbal – e passa a exercer função de conector adversativo e explicativo, com um posicionamento mais fixo na estrutura linguística. Esse uso pode ser observado nas seguintes passagens: “Era paca, era cuti, era o que tivesse ele fazia, **agora** só que ele sumia, era uma, *duas semanadento* do mato”; “[...] por isso que ele morreu, que ele, no lugar dele tomar remédio ele tomava era cerveja sábo e domingo, **agora**, ele num era uma pessoa ruim não” (E.S.B 45 anos, mulher).

Diante disso, na seção I, *Fundamentação Teórica*, procuramos amparar nosso trabalho a partir dos pressupostos teóricos funcionalistas. Também nos sustentamos em conceitos tradicionais a fim de demonstrarmos e compreendermos a classe dos advérbios bem como o item linguístico **agora**, seu percurso histórico, classificação e análises atuais.

Na segunda seção, *Metodologia*, especificamos a forma como desenvolvemos o trabalho.

Na seção III, *Análise dos Dados*, descrevemos as formas prototípicas e não-prototípicas do item em estudo.

Por fim, as considerações finais, momento no qual, retomamos as hipóteses iniciais, demonstrando os resultados obtidos e ratificamos a conjectura de que o item linguístico **agora** gramaticalizou-se e é usado com outras funções além do tradicional advérbio de tempo.

1 A LINGUÍSTICA ENQUANTO CIÊNCIA

A partir da publicação do *Curso de Linguística Geral*, obra póstuma atribuída a Ferdinand de Saussure (1857 – 1913), inicia-se a Linguística Moderna, a qual reivindica um caráter científico sob a égide das ciências positivistas. Como bem aponta Júlia Kristeva, a linguagem será sempre “um sistema extremamente complexo em que se misturam problemas de ordem diferente” (KRISTEVA, 1969, p. 16)².

Um dos problemas complexos suscitados pelo *Curso de Linguística Geral* reside na cisão entre as abordagens diacrônicas e as abordagens sincrônicas.

O *Curso de Linguística Geral*, cuja primeira edição data de 1916, é fruto de apontamentos de cursos que Saussure ministrou em 1907 a 1911, além de algumas notas pessoais que originaram o livro e que se tornaria “a certidão de nascimento” da Linguística Moderna. Em finais do século XIX, desponta um professor que leva em consideração de maneira incisiva o que virá a ser a ciência que estuda a língua. O *Curso de Linguística Geral* ([1916]1988) tem, como introdução, a apresentação do percurso histórico que os estudos da língua escrita percorreram até chegarem ao que chamamos hoje de Linguística, ciência que se dedica ao estudo das línguas. Com esse propósito, Saussure ([1916]1988), em um percurso histórico, explica a respeito das escolas que pretendiam estudar a língua ao longo da história. Demonstra que o estudo da língua foi, primeiramente, nomeado por ‘Gramática’, consagrada

² É nesse viés que, ao longo da história humana, os mais diferentes teóricos tentaram compreender, sistematizar e classificar a linguagem. De todas as formas de comunicação, a mais complexa é a linguagem verbal humana. Compreendê-la sempre foi um desafio. Para Kristeva (1969), os primeiros homens não se preocupavam com a linguagem “como um acto de *idealização* ou de *abstracção*, mas pelo contrário como uma *participação* no universo que o rodeia” (KRISTEVA, 1969, p. 62). A relação desse homem primitivo com a linguagem é movida pela necessidade diária e imprescindível ao seu convívio. É nesta perspectiva, que a escrita primitiva tem razões bem específicas para surgir e se fixar. Assim, destacamos que os egípcios tiveram uma motivação religiosa no uso da escrita; os sumérios e acádios, uma necessidade política e comercial; a linguística indiana tinha necessidade de preservação da poesia e dos rituais religiosos; por outro lado os gregos e os romanos, civilizações altamente desenvolvidas, tinham outras necessidades: os gregos instituíram a filosofia, se interessavam ainda pela literatura, retórica, lógica e especialmente as Gramáticas que tinham o objetivo de regulamentar o bem falar; os romanos herdaram e difundiram tudo o que foi instituído pelos gregos.

pelos gregos, em seguida de ‘Filologia’, o terceiro momento recebe o nome de ‘Gramática comparada’ e, por último, temos a corrente dos Neogramáticos, que fizeram importantes avanços teóricos. O linguista dá o devido reconhecimento a cada uma dessas escolas, mas a definição do objeto da Linguística, enquanto ciência, configura-se justamente a partir de suas lacunas.

Em seu *Curso*, Saussure ([1916]1988) sustenta que a língua é um sistema organizado em signos linguísticos. Em outras palavras, a língua se constitui pelo encontro entre significante e significado (signo linguístico) e se forma na articulação e concatenação entre esses signos. “Poder-se-ia dizer que não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua, vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (SAUSSURE, 1988, p.18 grifo nosso).

Saussure ([1916]1988) retira da Linguística a perspectiva histórica e a coloca entre as ciências a fim de estudar o signo, seu objeto. Inaugura a concepção de que o signo é um fenômeno psíquico e que a língua é um sistema diferente de todos os outros. Apesar de todas suas contribuições, Saussure (1988) deixou, de fora de seu intento, o referente, o sujeito e a história. Agora, sendo a Linguística instituída como ciência, todas as discussões que sucedem ao *Curso* procuram meios de abarcar os aspectos não aprofundados em Saussure (1988).

Saussure ([1916]1988) chega a mencionar que “A linguagem tem um lado individual e um lado social” (p. 16); no entanto, o autor não desenvolve esse aspecto por não ser o foco de seu estudo. Esse lado social vem a ser o enfoque de outras linhas teóricas, entre elas o Funcionalismo, teoria que embasa esse estudo e que será explanada a seguir.

1.1 Funcionalismo

A partir do *Curso de Linguística Geral* de Saussure, em 1916, três noções básicas passaram a ocupar espaço na reflexão sobre a língua: a noção de sistema³, a noção de estrutura e a noção de função. Para Saussure ([1916]1988), um sistema linguístico contém uma dada quantidade de elementos em uma determinada ordem. Se, por um lado, a quantidade desses elementos for reduzida ou ampliada, haverá consequências na estrutura interna da língua e,

³ Em relação à língua como sistema, Saussure afirma que a língua “[...] é um sistema que conhece apenas sua própria ordem” (SAUSSURE, 1988, p.31); indo mais além ele afirma “é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica”(SAUSSURE, 1988, p.31).

por outro lado, se houver apenas substituições de elementos, tais escolhas lexicais serão indiferentes ao sistema.

Em nosso estudo, compreendemos que, do ponto de vista sintagmático, a alteração de posição dos elementos e, do ponto de vista paradigmático, a escolha lexical, implicam alterações significativas no sistema da língua, tendo em vista que essas alterações propiciam aos elementos da língua a possibilidade de exercerem funções que antes não tinham e/ou não desempenhavam. Assim, em nosso estudo, daremos destaque especial à noção de função dos itens no sistema linguístico.

É oportuno lembrar que o Funcionalismo foi uma das escolas que se originou a partir do Estruturalismo linguístico, como a Glossemática de Hjelmslev e a Tagmêmica de Pike, bem como a forte corrente estruturalista americana iniciada pelo norte-americano Leonardo Bloomfield. O movimento funcionalista, embora tenha nascido no seio do Estruturalismo, possui, em alguns aspectos, uma compreensão diferenciada dos modelos da época a respeito do sistema linguístico.

O Círculo Linguístico de Praga, composto por estudiosos que concebiam a linguagem como instrumento de referência à realidade externa à língua, tem como marco as “Thèses”. Das nove teses redigidas, uma nos interessa de modo particular: a de que a língua deve ser considerada como um sistema funcional.

Faz-se necessário destacar que o corolário de função e de sistema são indissociáveis⁴, já que a língua passa a ser vista como uma realidade sistemática e funcional. Exemplo disso pode ser visto na análise empreendida por Jacó Guinsburg (1978), em sua obra *Círculo Linguístico de Praga*⁵, quando nela o autor afirma que conceber a língua como um sistema funcional é encará-la como produto da atividade humana e, como tal, está em consonância com outras atividades humanas que têm finalidade⁶. Podemos dizer, portanto, que essa compreensão da relação entre as realidades sistemáticas e funcionais da língua deram origem ao Funcionalismo ou às Teorias Funcionalistas.

⁴ “Não se pode compreender um único fato linguístico sem referi-lo ao sistema ao qual pertence.” (FONTAINE, 1978, p.22)

⁵ O Círculo Linguístico de Praga nasceria em 1926, quando linguistas, reunidos a convite de Mathesius, ouviram palestra do linguista alemão Becker.

⁶ É de bom tom lembrar que o termo “finalidade” empregada nos limites da Linguística não se aplica à causalidade da natureza, mas designa uma forma de organização ou ordem.

O constructo da relação entre língua e função teria dado origem, não apenas a uma corrente funcionalista, como era esperado inicialmente, mas, sim, a teorias funcionalistas. Maria Helena de Moura Neves (2001) observa que a pluralidade de teorias funcionalistas se deve, principalmente, porque as teorias, por vezes, estão mais diretamente relacionadas aos seus autores que à teoria em si.

Com relação ao Funcionalismo da Escola Linguística de Praga, início do século XX, e o Funcionalismo que ressurgiu nas décadas finais do século XX, a pesquisadora Valéria Viana Sousa (2008) salienta, em sua tese *Os (des)caminhos do você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você*, que, apesar das particularidades do Funcionalismo do século XX, vestígios dessa teoria podem ser constatados no Círculo Linguístico de Praga:

O ressurgimento do funcionalismo do século XX, de certa forma, ainda guarda resquícios do funcionalismo do Círculo Linguístico de Praga. Ambos têm como lume dos seus estudos a função e a ideia de que a construção da teoria ocorre no interior do próprio sistema. Atualmente, no entanto, o funcionalismo aparece sob uma nova roupagem, enfatizando do ponto de vista sistêmico e funcional no ato discursivo. (SOUSA, 2008, p. 63).

Na intervenção da autora, podemos ver que são relembrados elementos fulcrais da primeira tese do Círculo: a língua como sistema, isto é, um sistema funcional em cujo interior são percebidas as finalidades de expressão e de comunicação, com uma “nova roupagem” que inclui o “ato discursivo”. Assim, Sousa (2008) reforça a ideia de que o estudo das mudanças não pode esquecer-se do sistema em que elas se efetivam.

Em essência, os pressupostos funcionalistas reconhecem, na estrutura linguística, um sistema. A língua é natural, variável e identitário ao falante de determinado grupo social. No *Manual de Linguística*, Angélica Furtado da Cunha (2008, p. 157) explica que “O funcionalismo [...] se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”.

Assim, coube aos estruturalistas verem a linguagem como um sistema abstrato e independente em relação ao uso, os funcionalistas, por sua vez, ver, nas expressões linguísticas, uma interação entre o sistema e o uso.

Para os funcionalistas, a linguagem está a serviço da interação social e sem linguagem e, conseqüente, interação social, não haveria relação entre os falantes. Observemos a seguinte afirmação que corrobora com tal análise:

A língua é um instrumento de interação social. Não existe, em si e por si, como uma estrutura arbitrária de alguma espécie, mas existe em virtude de

seu uso para o propósito de interação entre seres humanos. (NEVES, 2001. p. 43).

A interação, mais especificamente, a interação social, entre os falantes de uma língua natural é, assim, a sua principal função. Dessa forma, o que é produzido por um falante, envolvendo funções de natureza lexical, sintática e discursiva, só pode e deve ser entendido em seu funcionamento contextual, conforme propõe Neves (2001) ao afirmar que a língua é um “instrumento de interação social”. A língua, nessa perspectiva, para a Teoria Funcionalista, deve ser flexível, maleável e, por vezes, econômica para que realmente sirva de instrumento social e deve ser, sobretudo, modelada conforme a necessidade do usuário.

Em uma abordagem funcionalista, então, todo o processo linguístico é reconhecido através do uso, da forma como o falante lida com o próprio sistema, ajustando e adaptando-o conforme sua necessidade de expressividade. A prioridade dos funcionalistas é a análise da língua em uso, tendo em vista que, nesse estado, há uma maior condição de perceber nuances, mudanças e variações do sistema linguístico.

Este princípio que orienta os atuais estudos funcionalistas, foi apresentado, conforme *OCírculo*, como “A melhor maneira de conhecer a essência e o caráter de uma língua é a análise sincrônica dos fatos atuais que são os únicos a oferecer materiais completos e de que se pode ter o conhecimento direto.” (GUINSBURG, 1978, p. 18). O contexto comunicativo, oral ou escrito, é o principal foco para os estudos funcionalistas.

Em sua dissertação de mestrado *O elemento agora, sob o enfoque da gramaticalização* Paulo Henrique Duque (2002) explica que os usuários da língua fazem escolhas dentre os canais que a língua oferece e que essas seleções não são arbitrárias, mas adequam-se às necessidades individuais e sociocomunicativas. E com o propósito de refletir sobre isso, questiona:

Para a linguística funcional, é proposta uma série de perguntas, tais como: Que função cumpre certo elemento? Para que certo elemento serve na comunicação? Por que o falante escolhe tal elemento ou tal estrutura e abandona outras? (DUQUE, 2002, p. 8).

Na análise funcional da língua, não basta apenas restringir ao estudo sistemático dos fatos linguísticos, mas cabe ao linguista, ainda, debruçar-se sobre a análise levando em consideração também os fatores sociais da comunicação. Por isso, para os funcionalistas, as mudanças que ocorrem na língua são um processo inevitável a fim de atender às necessidades de comunicação emergentes, ou seja, o cerne dos estudos funcionalistas é a língua em uso.

Givón (1995) afirma que, entre outras características, o funcionalismo considera:

- a linguagem como reflexo de uma atividade sociocultural;
- a estrutura a serviço de uma função cognitiva ou comunicativa;
- a estrutura não sendo arbitrária, mas motivada e icônica;
- a estrutura é não rígida e sim, maleável.
- o significado dependente do contexto.

Para fins elucidativos cabe citar Angélica Furtado Cunha (2008, p.165), esclarecendo que: “Dentre os princípios e as categorias centrais dessa corrente funcionalista estão: informatividade, iconicidade, marcação, transitividade e plano discursivo e gramaticalização”. Entendemos que, como os processos linguísticos não funcionam de forma aleatória, seria necessário, então, investigar essas regularidades a fim de percebê-las em seu real funcionamento através de uma sistemática observação do que ocorre entre falantes no uso da sua língua. Dentro do Funcionalismo, o processo que nos apresenta capacidade de abarcar tais anseios é a Gramaticalização.

Antes, porém, avaliamos como fundamental analisar um campo da Linguística que também abarca as questões da língua em uso: a Sociolinguística. Teoria que ao se fundir com o Funcionalismo, gera através da interface das pesquisas sobre a variação e mudança linguísticas trabalhos mais recentes, Sociofuncionalismo, como poderemos observar na seção a seguir.

1.2 Sociofuncionalismo

Sociolinguística, firmada nos Estados Unidos na década de 1960, teoria que perpassa pelas questões de variação e mudança linguística, nos põe de frente e mais diretamente com a real concepção de língua, o quanto é importante compreendê-la e os fenômenos que a circulam. William Labov, um dos teóricos precursores, se interessava pela língua enquanto fenômeno social, para ele a constante mudança e variação é algo evidente. Assim, segundo Cristine Gorski Severo (2009), para Labov, “a fala/comunicação verbal é primordial para o estudo da língua; a variação/mudança é própria da língua; a língua é um fenômeno social; há leis (de ordem social e econômica) que regem a mudança linguística” (SEVERO, 2009, p. 268).

Segundo Tânia Alkmim (2001, p. 42) “Para a Sociolinguística, a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico”. Assim, os fatos que ocorrem dentro de uma

determinada comunidade linguística é que são relevantes para a pesquisa de fenômenos linguísticos. Maria Maura Cezario e Sabastião Votre (2008, p.141) esclarecem, de modo sucinto, do que trata essa teoria: “A Sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”. A Sociolinguística analisa os dados linguísticos, por exemplo, de informantes sem escolarização, para determinar o porquê ou como um item linguístico funciona dentro daquela comunidade. A língua, enquanto entidade social, não pode ser desvinculada dessa para ser analisada. Vale ressaltar que “A Sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística” (CEZARIO; VOTRE, 2008, p. 141).

Maria Alice Tavares (2003), no capítulo 3º de sua tese de doutorado, intitulado *O lugar - Sociofuncionalismo: refletindo sobre um casamento teórico*, discute justamente a união entre o Funcionalismo, teoria exposta no início desse capítulo, e a Sociolinguística – o Sociofuncionalismo - teorias que tão bem se fundem para que os pressupostos de cada uma, que não são excludentes, mas que se associam a fim de servir aos estudos da língua em uso. Assim, nas palavras da autora (p. 98) “(i) o funcionalismo linguístico voltado ao estudo da gramaticalização, com especial atenção às propostas de Hopper, Heine e Givón, e (ii) a sociolinguística variacionista laboviana”, se casam para que a variação linguística seja analisada “do ponto de vista da função discursiva e a explica com base em princípios funcionais” (p. 98) conforme será percebido nas análises do item **agora** ao longo dessa dissertação.

Tavares (2003) advoga, a respeito da variação linguística, que

Labov (1994) postula que a variação é o primeiro estágio da mudança linguística: surgindo a alternância entre determinadas formas, pode ocorrer mudança no sentido, de uma delas suplantando a outra ou especializar-se em contextos distintos, eliminando-se assim a variação. [...] Costuma-se averiguar o percurso evolutivo de um dado item, o qual, no decorrer de sua trajetória, adquire múltiplas funções. (TAVARES, 2003, p. 109).

Essa é a base de uma análise variacionista e que, na perspectiva da Gramaticalização, processo que será exposto a seguir, um dado item, no percurso de sua evolução, passa a exercer múltiplas funções “*uma forma com mais de uma função*” (p. 109). E, para o Funcionalismo, a natureza heterogênea da língua em uso admite a variação e a mudança.

Assim, o Sociofuncionalismo, segundo Tavares (2003) faz

[...] análise de aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos – todos entendidos como discursivos, pois só ganham existência quando usados; analisa *mudança* = *gramaticalização em andamento*, considerando a distribuição etária dos informantes; o temo *mudança* abrange: a) surgimento de inovações; b) difusão social das inovações; *mecanismos de mudança*: reanálise, analogia, metáfora, metonímia, dentre outros; recebem *destaque a história e a coexistência de diferentes formas*; a variação e a mudança decorrem uma da outra; [...] focaliza relações de diferentes graus entre funções e formas; as estruturas tendem a refletir e a ser alteradas por causa da pressão exercida por motivações funcionais (entendidas como cognitivas, comunicativas e sociais) e também motivações estruturais, geralmente tidas como em competição com as funcionais. (TAVARES, 2003, p. 127-129).

Embora o casamento entre o Funcionalismo e a Sociolinguística pudesse ainda ser explorado e explanado mais detalhadamente consideramos que, para nosso trabalho, os esclarecimentos realizados são satisfatórios. A Gramaticalização, processo citado entre as discussões Sociofuncionalistas, e essencial para o andamento desse trabalho, será detalhado a seguir.

1.3 A Gramaticalização e seus pressupostos

Nessa seção de nosso trabalho, evidenciaremos que a Gramaticalização ocorre principalmente quando um item lexical passa a assumir, em certos momentos, um novo funcionamento na língua como item gramatical podendo até mesmo mudar de categoria sintática e, também, podendo sofrer alterações tanto semânticas quanto fonológicas nesse processo.

Em *Introdução à Gramaticalização*, Sebastião Carlos Leite Gonçalves *et al* (2007) iniciam a obra, afirmando que “Dentre os vários processos de mudança linguística, a gramaticalização é considerada um dos mais comuns que se tem observado nas línguas em geral” (id. p. 15).

O estudo da Gramaticalização inicia-se no século X, na China e, ao longo da história, consolida-se nos estudos linguísticos. Meillet, já no século XX, foi quem inaugurou o termo definindo-o como ‘a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma’ (Meillet, 1912/1948, p. 131 apud Neves 2001, p. 113). No Brasil, esse estudo ganhou força a partir das décadas de 1980 e 1990. Desde então, a observação da língua em uso, em nosso país, tem, ganhado adeptos e diversos estudos vinculados à gramaticalização têm sido realizados.

Precedente a Meillet, destaca-se a figura de Wilhem Von Humbolt, que publicou, em 1822, uma obra intitulada “Sobre a gênese das formas gramaticais e a influência dessas

formas na evolução das ideias” (NEVES, 2001, p.114). Nessa obra, Humbolt indica que um estágio evolucionário da língua antecedeu a estrutura gramatical das línguas humanas, no qual só as ideias concretas poderiam ser expressas. Posteriormente a Meillet, apontam-se apenas o interesse por parte de alguns indo-europeístas, tendo em vista que, com a mudança linguística sendo vista como ajustamento entre estágios sincrônicos isolados, a direção que guiava a pesquisa passou a ser quase que “exclusivamente” sincrônica.

Em se tratando da “revivescência” da análise do fenômeno de gramaticalização, atribui-se a Givón (1971) o início do processo, no qual se assinala a influência do interesse pela pragmática e pela tipologia. Foi esse estudioso quem lançou o slogan: “A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem” ou ainda, nas palavras de Hodge (1970), “A sintaxe de ontem é a morfologia de hoje.” (NEVES, 2001, p.115)

Há certas divergências no que se refere à definição do termo gramaticalização. De maneira geral, é possível afirmar, com base em um estudo realizado por Traugott e Heine (1991), e de acordo com Neves, a terminologia faz menção à “parte da teoria da linguagem que tem por objeto a interdependência entre *langue* e *parole*, entre o categorial e o menos categorial, entre o fixo e o menos fixo na língua” (NEVES, 2001, p. 115). Há divergência também na própria cunhagem do termo, uma delas diz respeito ao campo em que se deve inserir o fenômeno: diacronia ou sincronia. “A questão ‘diacronia x sincronia’ liga-se à questão do ‘caráter gradual’ *versus* x ‘caráter instantâneo’ da gramaticalização” (id. p. 118).

Sousa (2008) apresenta ainda um estudo realizado por Castilho (1997), no qual há a distinção entre gramaticização, transição categorial em um plano diacrônico, e gramaticalização, resultado da própria gramaticização em um plano sincrônico. Ideias sustentadas por Hopper e Traugott (1993) que percebem, no termo gramaticalização, um maior direcionamento para a perspectiva histórica e, no termo gramaticização, uma maior inclinação para a perspectiva sincrônica. Atualmente, observa a pesquisadora, o termo gramaticalização é o que representa ambos os processos.

Reine e Reh (1984, p. 15) consideram que a gramaticalização é um *continuum* evolutivo. Givón, explicando a gramaticalização do ponto de vista diacrônico, mostra que uma construção pode dar-se gradualmente no tempo: “no caso dos verbos seriais, por exemplo, orações dependentes finitas podem chegar a uma gramaticalização plena, com passagem por estágios diversos” (NEVES, 2001, p. 119).

Cognitivamente falando, Givón (1971) considera a gramaticalização como um processo instantâneo. Nesse sentido, esse processo envolve um ato mental através do qual

uma relação de similaridade é reconhecida e é explorada. Ainda do ponto de vista cognitivo, para Givón (1971) deve haver certa distinção entre a semântica e a pragmática, vinculadas à extensão análoga funcional, e a fonologia e a morfossintaxe, vinculadas ao ajustamento linguístico estrutural.

Hopper (1991), citado por Neves (2001), diz que a definição de gramaticalização é mais problemática se se considera como objeto de estudo apenas uma língua isoladamente, pois ele concorda com a ideia de que com o estudo de mais de uma língua pode-se chegar a generalizações que podem nortear o estudo da gramaticalização.

Um ponto é comum: a Gramaticalização se centra principalmente no fato de que alguns itens lexicais ou sintáticos perdem total ou parcialmente o significado original, definido por Givón (1984) como prototípico, passando, na maior parte dos casos, de uma categoria gramatical para outra. (NEVES, 2001)

Segundo Gonçalves et al (2007),

Esse se fazer constante da gramática, observável pela variação e pela mudança linguística, bem como pela gramaticalização, um tipo especial de mudança, revela-se em instâncias diversas, como morfologia, fonologia, semântica e sintaxe. Não é, contudo, um privilégio da língua portuguesa. É um movimento contínuo e altamente produtivo em todas as línguas naturais. Pode-se sintetizar esse movimento pelo princípio cognitivo [...] de exploração de velhas formas para novas funções. (GONÇALVES et al., 2007, p. 29).

Alguns autores que estudam a gramaticalização buscam os princípios que regem esse fenômeno. Mais uma vez, recorrendo a Hopper (1991), *apud* Neves (2001), o pesquisador tenta isolar e descrever esses princípios com um propósito utilitário, buscando identificar instâncias potenciais de gramaticalização anteriores ao estágio no qual as formas podem ser consideradas como parte da gramática da língua. Acentuam ainda o caráter gradual da gramaticalização e discutem cinco princípios, instaurados por Hopper (1991), que norteiam esse fenômeno. A saber: (i) Estratificação, (ii) Divergência, (iii) Especialização, (iv) Persistência e (v) Decategorização.

Segundo o autor, (i) a Estratificação se configura de maneira que novas formas estão a todo tempo surgindo, sem, contudo, haver o desaparecimento das formas já existentes. Logo, verifica-se a coexistências das formas; (ii) o princípio da Divergência firma-se quando um item lexical, mesmo sofrendo Gramaticalização, tem a sua forma original ainda permanecendo na língua; (iii) na Especialização, a nova forma passa a ser obrigatória na língua em detrimento de sua livre escolha; (iv) no princípio da Persistência, alguns traços do item permanecerão na forma gramaticalizada; e, por fim, a Decategorização se refere à

mudança de categoria do item em questão, partindo de uma classificação menos gramaticalizada para outra mais gramaticalizada. Tais categorias podem ser evocadas para conjuntamente discutirem o item em questão. Em nosso trabalho, contudo, focalizaremos com maior atenção o princípio da Decategorização.

Ao propor princípios, Hopper (1991) declara que o seu objetivo é suplementar à caracterização proposta por Lehmann (1985), já que esta, segundo Hopper (1991), só dá conta da gramaticalização que se encontra em um estágio avançado. De qualquer sorte, para compor a nossa discussão, apresentamos as tendências de Lehmann.

Lehmann (1985) indica as seguintes tendências: paradigmática, em que as formas tendem a organizar-se em paradigmas; obrigatorização, em que as formas tendem a se tornarem obrigatórias; condensação, em que as formas tendem a se tornarem mais curtas; aglutinação, em que as formas adjacentes tendem a aglutinar-se e a fixação, em que as ordens linearmente livres tendem a tornarem-se fixas. (NEVES, 2001).

A gramaticalização pode ser concebida a partir de seus efeitos, isto é, da emergência de novas categorias, e não apenas observando o processo em si. Neves (2001), além de outras discussões, apresenta alguns estudos e suas relevantes contribuições para a discussão desse processo. Dessa forma, os estudos São eles: Lichtenberk, Haiman, Swwetser, Traugott e König, Lehmann tornaram-se fontes para esclarecer questões de Gramaticalização.

Lichtenberk (1991) indica três consequências do processo histórico de gramaticalização, afirmando que elas são historicamente ligadas: a emergência de uma nova categoria gramatical; a perda de uma categoria existente; a mudança no conjunto de membros que pertencem a uma categoria gramatical. Haiman (1991), por sua vez, afirma que duas espécies de mudanças são relacionadas ao processo de gramaticalização: a redução fonética e o descoloramento semântico. Sweetser (1988) acrescenta que o processo de gramaticalização pode ser entendido como uma projeção metafórica e indica problemas na consideração da existência de dessemantização envolvida no processo. Traugott e König (1991) discordam da concepção de gramaticalização como “enfraquecimento”, já que essa proposição significaria que a gramaticalização é uma espécie de empobrecimento, deficiência. E, por fim, trazendo Lehmann (1991), Neves (2001) acrescenta que esse estudioso acredita que o termo “gramaticalização” pode ser interpretado como “criação de uma nova gramática”. Nesse sentido, três questões estão aí implicadas, segundo Lehmann: a passagem de um elemento menos gramatical para um mais gramatical; a perda de substância fonológica e semântica; a diminuição de liberdade de manipulação do elemento.

É pertinente acrescentar que o processo de regularização gramatical que caracteriza a gramaticalização é mais facilmente encontrável no campo da morfologia. Apesar disso, esse processo não se restringe à morfologia, estando presente também na sintaxe.

A gramaticalização é [...] unidirecional, com uma unidade menos gramatical na ponta de partida e uma unidade mais gramatical na ponta de chegada, implicando, portanto, necessariamente, codificação nova, e envolvendo, necessariamente, a morfologia. (NEVES, 2001, p. 129).

A gramaticalização relaciona-se com a ideia de que as gramáticas codificariam melhor aquilo que os falantes mais usam. A motivação para a gramaticalização, assim, está tanto nas necessidades comunicativas não contempladas pelas formas existentes quanto na existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações linguísticas adequadas. Para se conseguir a caracterização da alteração semântica que acompanha a gramaticalização, deve-se focalizar a transição da forma fonte para a forma de chegada.

Nos estudos sobre gramaticalização, é comum ainda a afirmação de que o processo envolve abstratização, já que o significado não-gramatical pode ser descrito como mais concreto do que o significado gramatical.

A esse respeito Sapir (1921), em Neves (2001), já relacionava quatro tipos de conceitos linguísticos: concreto, puramente relacional, menos concreto, relacional. E Heine e colaboradores (1991b, p. 43-44), por seu turno, ao discutirem a questão dos processos cognitivos, diferenciam três formas de uso da expressão “abstração”: a) a abstração generalizadora; b) a abstração isoladora; c) a abstração metafórica. Certamente por essas questões, “A gramaticalização já foi, mesmo, apontada como um ‘subtipo’ da metáfora, considerada como um ‘desvio metafórico em direção ao abstrato’” (NEVES, 2001, p. 44).

No que se refere à base metafórica da gramaticalização, Neves (2001) acrescenta, ainda, a que condição de verificação que pode ser depreendida na indicação das tendências apontadas como caracterizadoras da mudança semântica. A autora serve dos estudos de Genetti (1991) para fazer as seguintes afirmações:

- 1) Os significados baseados na situação externa passam a significados baseados na situação interna (avaliativa/perceptual/cognitiva);
- 2) Os significados baseados na situação externa ou interna passam a significados baseados na situação textual (=coesiva);
- 3) Os significados tendem a tornar-se cada vez mais baseados na atitude subjetiva do falante diante da situação.

Na gramaticalização, então, há a sustentação de que a análise das mudanças semânticas pode ser feita numa leitura metafórica, segundo o arranjo linear das categorias conceptuais. Heine et alii (1991a, 1991b) citado por Neves (2001) apresentam o seguinte arranjo de categorias conceptuais, no qual cada categoria pode ser contextualizada por outra à sua direita, resultando naquilo que esses autores chamaram “metáforas categoriais”:

PESSOA > OBJETO > ESPAÇO > TEMPO > PROCESSO > QUALIDADE

“Essa é uma escala de abstratização, que, num crescendo a direita, governa o processo metafórico.” (NEVES, 2001, p.133-134)

Desse modo, tanto a metáfora quanto a metonímia são componentes do processo de gramaticalização, que leva dos conceitos gramaticais ‘concretos’ para os ‘abstratos’: metonimicamente, o processo é construído numa escala de entidades contíguas que são metonimicamente relacionadas. O processo contém categorias descontínuas, como ESPAÇO, TEMPO ou QUALIDADE.” (p. 137)

A análise das mudanças semânticas pode ser feita numa leitura metafórica, segundo o arranjo linear das categorias conceptuais. Apresentam o seguinte arranjo de categorias conceptuais, no qual cada categoria pode ser conceitualizada por uma das categorias à sua direita, resultando naquilo que esses autores chamaram “metáforas categoriais”: PESSOA > OBJETO > ESPAÇO > TEMPO > PROCESSO > QUALIDADE. Essa é uma escala de abstratização, que, num crescendo a direita, governa o processo metafórico. (HEINE et alii (1991a, 1991b apud NEVES, 2001. p. 133-134)

Assim, para Neves (2001), a Gramaticalização pode ser entendida, então, como uma passagem de conceitos mais concretos para mais abstratos seguindo certa regularidade.

Faz-se necessário, antes de partirmos para a análise do item, citar ainda que Neves (2001) afirma que o processo de Gramaticalização é, por princípio, unidirecional. A Unidirecionalidade diz respeito ao “princípio de que uma mudança [...] se dá numa direção específica [e] e não pode ser revertida.” (NEVES, 2001, p. 121). Dessa forma, os itens saem de “uma unidade menos gramatical na ponta de partida” tornando-se “mais gramatical na chegada” e, uma vez gramaticalizados, permanecerão desenvolvendo novas funções gramaticais seguindo, especificamente, o seguinte arranjo linear ESPAÇO > TEMPO > TEXTO.

Essa é a escala de abstratização, em que determinado item parte do seu sentido [+concreto] para o [+abstrato]. Assim, novas formas ou formas com novos valores e funções são criadas a partir de formas já existentes na língua.

O objeto em estudo desta dissertação, o **agora**, sofreu o processo de Gramaticalização descrito nessa seção e será explorado em detalhes a seguir, desde sua classificação geral e específica até seus usos e funções na língua. Iniciaremos a argumentação demonstrando a classe dos advérbios conforme exposto nas gramáticas clássicas, tradicionais e descritivas, em seguida, conheceremos o percurso histórico do advérbio **agora** bem como sua etimologia, seu significado em dicionários gerais e, por fim, antes da análise dos dados, veremos outros estudos e análises a respeito do nosso objeto de estudo.

1.4 A classe dos advérbios

Categorizar é uma das mais elementares capacidades humanas. Categorizamos os seres e, conseqüentemente as palavras, muitas vezes, intuitivamente. Neves (2006, p.5), afirma que “a descrição das chamadas classes de palavras está sempre presente nas gramáticas ocidentais tradicionais, e assim também nas gramáticas de língua portuguesa”. Nas gramáticas tradicionais, responsáveis por categorizar as classes de palavras ao longo da história, após a categorização das classes principais subcategorizam também cada palavra da língua. Lembrando que são dez as classes de palavras contidas na gramática normativa da língua portuguesa, são elas: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

Uma das primeiras questões a serem compreendidas é a questão da diferenciação entre palavras lexicais e palavras gramaticais que, para Sílvio Elia (1987, p. 70), são as palavras nocionais e palavras relacionais. “Entre as primeiras, colocaremos o nome (substantivo e adjetivo), o verbo e o advérbio (este com exceções); entre as segundas, os artigos, os pronomes determinativos, as preposições, as conjunções”. O autor ainda explica que “as palavras nocionais constituem um inventário aberto ou ilimitado; as palavras relacionais formam um inventário fechado ou limitado” (ELIA, 1987, p. 71).

É essencial considerarmos ainda as palavras de J. Mattoso Câmara Jr. (1976) em sua obra *História e Estrutura da Língua Portuguesa* quando no cap. V, o autor discorre a respeito da classe dos advérbios. O historiador da língua expõe a respeito da natureza do advérbio que:

É própria da estrutura das línguas indo-européias, em geral, a existência de certas formas nominais ou pronominais que trazem um sentido suplementar à significação essencial da comunicação centrada no verbo. Tal foi o vocábulo que os gramáticos gregos chamaram *epirrhéma* “acrescentado ao verbo” (gr. *rhéma* “verbo). Os gramáticos latinos traduziram o termo como *adverbium*. (CÂMARA Jr., 1976, p. 115).

Câmara Jr. (1976) prossegue abordando sobre a natureza pronominal dos advérbios e esclarece fundamentalmente que há dois tipos nessa classe: os advérbios locativos e os advérbios temporais. E, em uma nota de rodapé esclarecedora, percebendo a estreita relação entre tempo e espaço, afirma que

Todos os locativos e temporais podem também exprimir, substantivamente, o lugar ou o momento indicado: os homens de hoje, as ideias de então, os moradores daqui, etc. [...] podem também ter um emprego anafórico, ao lado do emprego dêitico. (CÂMARA Jr., 1976, p. 115).

Em nosso trabalho daremos atenção especial aos advérbios observando os conceitos estabelecidos pelos gramáticos clássicos, tradicionais e descritivos da língua. Primeiramente, buscaremos nos clássicos a definição da classe dos advérbios, dialogaremos, como esse propósito, com Fernão de Oliveira (1536) autor da primeira gramática da língua portuguesa, em seguida com Mauri Furlan (2006) que traz importantes informações a respeito do gramático João de Barros – que teve sua gramática publicada na primeira metade do século XVI. Conferiremos também os gramáticos tradicionais e seus conceitos a respeito dos advérbios. São eles: Manuel Said Ali (1964), Cunha (1976), Rocha Lima (2003). Os gramáticos descritivos, nossos contemporâneos, são também fundamentais na investigação dos conceitos. Analisamos as obras de Mário Vilela e Ingedore Villaça Koch (2001), Ataliba T. de Castilho (2010), e Mário A. Perini (2004). Em nosso estudo, incluímos, também, a Evanildo Bechara (2004 e 2010).

1.4.1 Gramáticos clássicos

Fernão de Oliveira (1536) publicou a primeira gramática da língua portuguesa, a “Grammatica da lingoagem portuguesa”, em Lisboa, dedicada a D. Fernando de Almada. O gramático viveu sua vida adulta no reinado de D. João III, que é coroado em 1521 e morre em 1557. Segundo Rosa Virgínia Mattos e Silva “A Anotação de Fernão de Oliveira se centra fundamentalmente, na análise do que hoje designamos de fonética articulatória, descrevendo as ‘vozes’ do português e dando indicações para a sua representação gráfica (as ‘lêteras’)” (MATTOS E SILVA, 2005, p. 49). Portanto, a análise da classe dos advérbios não está expressamente conceituada.

Mauri Furlan (2006), no texto *Apresentação a Diálogo em lovvor da nossa lingvágem, de João de Barros*, define em boas palavras que foi esse renomado gramático clássico:

João de Barros (1496-1570), historiador, lingüista, latinista, pedagogo, moralista, buscando uma descrição gramatical do português e sua dignificação como língua autônoma, publicou em 1540 a segunda Gramática da língua portuguesa, que inclui também o Diálogo em louvor da nossa

linguagem. Este autor português é considerado o maior dos gramáticos e ‘proto-lingüistas’ do Renascimento português graças à riqueza de suas reflexões sobre o fenômeno lingüístico como meio especial de comunicação humana. (FURLAN, 2006, p.1)

João de Barros (1540) apresenta o sentido etimológico de advérbio a fim de demonstrar a estreita ligação entre eles (ad verbo). Reforça, ainda, que os advérbios aparecem segundo seu significado, como os de lugar.

1.4.2 Gramáticos tradicionais

Manuel Said Ali (1964), filólogo brasileiro, no capítulo sobre morfologia, da obra *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, reserva um espaço para os advérbios e afirma que: “O advérbio denota uma circunstância de lugar, tempo, modo, grau ou intensidade, negação, dúvida, etc., e serve de determinante ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio. É expresso por uma palavra invariável ou por uma locução equivalente.” (SAID, 1964. p. 97-99).

Também pertencendo à tradição gramatical, o professor Celso Ferreira da Cunha (1976) expõe, na *Gramática da Língua Portuguesa*, o capítulo Morfo-sintaxe, no qual igualmente tece conceitos a respeito do advérbio e inicia o conteúdo explicitando que “advérbios são palavras que se juntam a verbos, para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal [...]” (p.499). A seguir, Cunha (1976) faz uma importante observação:

Sob a denominação de advérbios reúnem-se, tradicionalmente, palavras de natureza nominal e pronominal de emprego muito diverso. Por esta razão, nota-se entre os linguistas modernos uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o, seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico. (CUNHA, 1976. p. 499).

É perceptível que, já na década de 1970, a observação da língua em uso era levada em consideração. No entanto, estudos sistemáticos ainda eram raros e, assim, a atenção destinado ao uso, a rigor, era deixada à margem dos estudos.

No entanto, na obra *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Celso Cunha e Lindley Cintra (1985) certificam o que Cunha (1976) havia estabelecido e ampliam o estudo do advérbio ao incluírem um tópico que trata das palavras denotativas, o qual reúne palavras mal caracterizadas na língua ou que não se encaixam plenamente em categorias plenas.

O professor Carlos Henrique da Rocha Lima (2003), em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, ao reservar o capítulo 11 para a classe dos advérbios assim o

conceitua: “Advérbios são palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar várias *circunstâncias* que cercam a significação verbal” (ROCHA LIMA, 2003, p.176), corroborando com os demais gramáticos.

1.4.3 Gramáticos descritivos

Transitando entre a tradição e a descrição da língua, o professor, gramático e filólogo brasileiro Evanildo Bechara (2004) na *Moderna Gramática Portuguesa*, II parte de sua obra, dedica-se à classe dos advérbios e, ao iniciar o capítulo, declara a respeito dessa classe de palavras o que os gramáticos tradicionalistas já haviam afirmado. No entanto, amplia seu escopo, afirmando que o advérbio também pode referir-se a “um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio [...], ou a uma declaração inteira” (BECHARA, 2004, p. 287).

Partindo da análise tradicional para uma observação mais descritiva da língua, Mário Vilela e Ingedore Villaça Koch (2001) elaboraram a *Gramática da Língua Portuguesa*, na qual, dentro da análise da gramática da palavra incluem o estudo do advérbio. O que, em certa medida, ratifica a análise de Bechara (2004). Vilela e Koch (2001, p. 244) explicam, ao introduzir o tópico, que:

Embora a designação advérbio [= ADVERBIUM/EPIRRHEMA] aponte para uma determinada relação destas palavras com o verbo (“aplicado ao verbo”) – e por isso mesmo tenha sido tratado como o “adjetivo do verbo” -, contudo, os advérbios não modificam apenas os verbos, mas também adjetivos e mesmo outros advérbios e frases totais. (VILELA; KOCH, 2001, p. 244).

Ainda dentro da caracterização geral dos advérbios, Vilela e Koch (2001) falam da mobilidade dessas palavras, afirmam que arquetipicamente são invariáveis e que, em sua maioria os advérbios, apesar de serem palavras simples, são originárias de palavras compostas como, por exemplo, *hac hora* que deu origem a forma adverbial **agora**.

Quanto à sua classificação os autores usam as mesmas categorias levadas em consideração pelos demais gramáticos. São elas: tempo, lugar, afirmação, dúvida, intensificação, modo, negação, interrogação e, acrescentam as formas inclusão, exclusão e designação. Todavia, esclarecem que “‘exclusão’, ‘inclusão’, ‘designação’ são designações já acrescentadas às classificações tidas como tradicionais, mas que a NGB não aceita: muitos gramáticos brasileiros falam em ‘palavras denotativas de inclusão, exclusão’, etc.” (VILELA; KOCH, 2001, p. 248).

Voltamos aqui ao professor Evanildo Bechara (2010), mas, agora, na *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*, na qual, além de recuperar conceitos estabelecidos em sua

Moderna Gramática Portuguesa de 2004, amplia consideravelmente sua análise acerca dos advérbios. O autor destaca a gradação dos advérbios ao afirmar que, “em linguagem informal, pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem: [...] Saiu agorinha” (2010, p. 282). Dessa forma, Bechara (2010) constata o que já havíamos sinalizado anteriormente.

Podemos, ainda, citar o professor Ataliba T. de Castilho (2010), em sua *Nova Gramática do Português Brasileiro*, referindo-nos especialmente ao capítulo 13, denominado “O sintagma adverbial”, inicia esclarecendo como a estrutura do sintagma adverbial se compõe de “SAdv □ (Especificador) + Núcleo + (Complementador) [...] [**Provavelmente**] [**hoje**] vai chover” (id. p. 542). Ainda assim, o autor considera fundamental expor a categoria do advérbio antes de analisar profundamente todo o sintagma. Castilho (2010) principia o tópico considerando as palavras de Cunha e Cintra (1985), na qual afirmam o que a gramática tradicional propagou especialmente a função predicadora do advérbio. Quanto aos tipos de advérbios, o autor concorda com a caracterização feita por Vilela e Koch (2001) e agrega outras: ordem, designação, realce, retificação e situação. Dado a aparente dificuldade que ora se apresenta, quanto à classificação dos advérbios, Castilho (2010) afirma que

Para dar conta desses e de outros problemas pesquisadores do Projeto de Gramática do Português Falado optaram por reconhecer nos advérbios uma classe não homogênea, mas ‘pelo menos [como um] conjunto de expressões que funcionam de maneira sensivelmente semelhante’ (Ilari *et al.*, 1991:78). [...] foram identificadas duas ‘dimensões para a classificação’ [...]: a primeira é a dimensão dos segmentos sintáticos [...] a segunda dimensão é a das ‘funções’. [...]. [...] substituiu a designação ‘advérbios dêiticos’ por ‘advérbios circunstanciais. [...] descreveram os advérbios a partir de três campos, o semântico, o sintático e o discursivo. [...] Do ponto de vista morfológico, os advérbios são palavras invariáveis [...]. Sintaticamente, os advérbios são palavras relacionadas ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio, classe que ele toma por escopo. A dimensão semântica implica em identificar três grandes classes funcionais de advérbios: os predicativos, os de verificação e os dêiticos. Finalmente, a dimensão discursiva permite identificar os advérbios que atuam como conectivos textuais. Outra função é a de orientar o eixo argumentativo do texto. (CASTILHO, 2010. p. 543).

Percebemos claramente que o estudo desse autor parte da língua em uso e podemos verificar essa afirmação quando ele faz referência à gramaticalização. A seguir, o autor passa a analisar, propriamente, o comportamento sintático do advérbio o qual nos abstrairmos de citar por não ser o escopo do nosso trabalho.

Mário A. Perini (2004), em *Para uma nova gramática do Português*, caminha nessa discussão, afirmando que um estudo sistemático da classe dos advérbios não é simples de ser

feito. Afinal, sua funcionalidade inviabiliza certas análises. Ratificando isso, Neves (2001, p. 236) afirma que “os advérbios formam uma classe heterogênea quanto à função”.

Na *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, Castilho et al. (2008), os autores afirmam que “[...] a tradição escolar também nos acostumou a pensar que a classe é bem delimitada e se compõe de palavras que funcionam exatamente do mesmo modo”. A Gramática Tradicional resume os advérbios em listas curtas e atividades que não consideram o uso, especialmente oral, da maioria das palavras classificadas como advérbio.

Diante disso, muitos estudos, baseados especialmente nos pressupostos funcionalistas e na Gramaticalização, debruçam-se sobre a classe dos advérbios como um todo ou apenas em análises de itens específicos.

1.5 O advérbio agora

Nesta seção, iremos nos dedicar à análise do item linguístico **agora** e em seu percurso histórico. Para tanto, apresentaremos a forma inicial desse item na língua, verificaremos os dicionários etimológicos da língua portuguesa, seguido dos dicionários gerais numa ordem cronológica.

1.5.1 O advérbio agora: um breve percurso histórico

Constatamos que o **agora** aparece gramaticalizado na Língua Portuguesa desde o período arcaico, como atesta a relação de advérbios presentes em *Estruturas Trecentinas* de Mattos e Silva (1980). No caso do português, o advérbio **agora** veio substituir a forma latina *nunc*. Tais substituições ocorreram em outras línguas neolatinas como no caso do francês, como demonstra o raciocínio expresso por Arnould e Lancelot, na *Gramática dePort-Royal: hodie>in hoc die >aujourd’hui* (1980, p. 107).

É comum, em uma comparação entre o português arcaico e o moderno, notar possíveis diferenças desde o vocabulário até a sintaxe. No entanto, a gramaticalização do **agora** ocorreu no período arcaico e, ao longo do tempo, houve a expansão de sentido e acréscimos na forma, mas sem perder a ideia prototípica de presente. De acordo com Câmara Jr. (1976, p.118), a forma *nunc* (ou nas palavras do autor “o sistema *nunc*”) permaneceu no latim vulgar, indicando posição de tempo, em relação ao momento de comunicação que apresentava. Prova de tal afirmação pode ser vista no exemplo citado por Ismael de Lima Coutinho (2011):

Texto – In eo loco est *nunc* ecclesia non grandis, quoniam et ipse locus, id est summitas montis, non satis grandis est; [...] Tradução – Nesse lugar há,

pois, *agora* uma igreja não grande, porque também o mesmo lugar, isto é, o cimo do monte não é muito grande; [...]. (COUTINHO, 2011 p.39).

Entretanto a forma *nunc*, neste momento, logo entra em desuso, conforme acrescenta Câmara Jr. (1976, p. 120), sendo “[...] substituída, desde o latim vulgar, regionalmente, pela locução de ablativo *hac hora*, ou apenas pelo ablativo *hora*; donde, port. *agora* e ainda *ora*.”

Alfred Ernout e François Thomas (1953) atestam a pouca funcionalidade do *nunc*⁷ ao afirmarem que este item linguístico era, muitas vezes, substituído por outras formas, havendo, ainda, a possibilidade do seu uso com a intenção de reforço.

É, no entanto, Grandgent que irá descrever por qual processo se deu, paulatinamente, a substituição de *nunc* por *hora*, posteriormente, com o reforço do pronome demonstrativo *hac*. A esse respeito vemos o testemunho no latim de vulgar de Grandgent:

A veces el vocablo que sobrevivía estaba lejos de ser um verdadero sinónimo en la lengua clásica; así, *discere* fué substituído por *apprendere*, *domus* lo fué por *casa*, *mansio*, *hospitale*, *emere* por *comparare*; *humerus* por *spatula*; *ignis* por *focus*, *nunc* por *hora*, *omnes* por *toti*, *quot*, *tot* por *quanti*, *tanti*, *urbs* por *civitas* y por *villa*. (GRANDGENT, 1952, p. 29-30).⁸

Podemos deprender da fala de Grandgent (1952) que não existe uma correspondência biunívoca entre a forma do Latim Clássico e a forma do Latim Vulgar, logo não ocorreu uma transformação matemática do tipo $A > B$, mas se abriu a possibilidade para que uma forma do Latim Vulgar pudesse ocupar o lugar do uso Clássico, num processo de convivência. É oportuno questionar quais as estratégias que as línguas românicas utilizaram para estender o uso de uma forma do Latim Vulgar. No caso da língua portuguesa, seguiu uma construção analítica formada no ablativo. Nesse sentido, é que Ernesto Faria (1958) esclarece que temos de lembrar que a forma *hac* provém do ablativo do pronome demonstrativo, a qual adverbializou-se já na língua falada alhures no Império romano. Para aquele autor, haveria

⁷ Veikko Vaananen (1967) nos leva a crer que a forma *nunc* no uso popular perdera o –n- antes de ser substituído por *hora* ou *hac hora*.

⁸ TRADUÇÃO: “Às vezes, o vocábulo que sobrevivia estava distante de ser um verdadeiro sinónimo na língua clássica; assim *discere* (dizer) foi substituído por *apprendere* (aprender), *domus* (casa urbana) foi substituído por *casa* (fazenda, casa de campo), *mansio* (casa urbana), *emere* (comprar) por *comprare* (comprar); *humerus* (ombro) por *spatula* (algo achatado como uma espátula, por analogia); *ignis* (fogo) por *focus* (fogo), *nunc* (agora) por *hora* (hora, divisão do tempo cronológico).

dois tipos de advérbios de lugar em latim: um tipo que derivou de pronomes demonstrativos e outro tipo que não resultou de derivação.

1.5.2 Dicionários etimológicos

Dicionários etimológicos são responsáveis pelo estudo, segundo Aldo Bizzocchi (1996, p.1), “da origem das palavras, a busca do *étimo*, palavra considerada como ancestral daquela que constitui o objeto da pesquisa etimológica”.

No âmbito desse estudo, traremos para nossa discussão o verbete **agora** coligido dos seguintes dicionários: *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de Antenor Nascentes (1955), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de José Pedro Machado (1967) e *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa* de Antônio Geraldo da Cunha (1998).

Para Antenor Nascente, **agora** “do lat. *hac hora*, nesta hora, esp. ant. *agora*. Cornu, Port, Spr., §§ 251-2, deriva de *a + hora*, de *ad horam*, com intercalação do *g* por motivo eufônico”. (NASCENTES, 1955, p. 12). Podemos ver que o autor, com base em Cornu, dicionarista de língua espanhola, aponta a presença do <-g-> como uma caso de eufonia. O que mostra que o étimo *hac hora* faz mais sentido, pois é mais facilmente derivado por processo fonológico simples e econômico.

José Pedro Machado (1967) apresenta uma definição com base na interpretação de que a forma portuguesa deriva de um ablativo latino, datando-lhe o aparecimento em português, apresentando, em seguida, variação na escrita:

Agora, adv. Do lat. *hac hōrā*, ablativo. Séc. XIII: <<Quando m agora ouer d alongar | D aquesta terra...>> D. Dinis, em C.B.N., Nº [443]. Em 1258, a var. *agura*: <<Item, in parrochia Sanchi Salvatoris de Atrio, que *agura* chamam Viana>>, Inq. p. 329. | A hora, *aora*, (castelhanismo?) em 1443: <<Mando que se tenha, esta maneira. que sejã filhada. per eses comtadores Del rej. que a hora. filhã. ou per outros. que o comtador. moor. Der>> em Verde, p. 213. (MACHADO, 1967. p. 148).

Antônio Geraldo da Cunha (1998) apenas fará referência à entrada do vocábulo em português e apontará para sua origem no latim.

Da leitura de tais autores, podemos concluir que: o **agora** provém de uma composição de um demonstrativo e um substantivo, ambos em uma forma ablativa com ideia de tempo ou que tal forma recebera um elemento eufônico.

Ao discutirmos o item **agora** nos dicionários “gerais” da língua portuguesa, vamos demonstrar aos poucos como ocorreu sua expansão de sentido ou como tal expansão foi paulatinamente sendo percebido ao longo dos séculos.

1.5.3 Dicionários gerais

É fundamental, depois de visitarmos os dicionários etimológicos, verificarmos os dicionários gerais da língua portuguesa. Segundo L.F. Lara (1992, p.20), "o dicionário representa a memória coletiva da sociedade e é uma de suas mais importantes instituições simbólicas". Maria Tereza Camargo Biderman (2003) acrescenta dizendo que:

Além disso, o dicionário descreve o léxico em função de um modelo ideal de língua - a língua culta e escrita. Só circunstancialmente registra os padrões subcultos, ou desviantes da norma padrão, tais como os usos dialetais, populares, gíriáticos. Dessa forma o dicionário convalida e promove a linguagem aceita e valorizada em sua comunidade. (BIDERMAN, 2003, p.1).

Nessa seção, apresentaremos não apenas as definições dos primeiros dicionaristas sobre a forma e função do **agora**, mas interpretaremos os elementos encontrados. Por questões metodológicas, seguiremos o seguinte roteiro: contextualização do autor e da obra, apresentação do verbete e análise das informações apresentadas.

Na vasta língua portuguesa, a despeito de inúmeras obras lexicográficas de menor alcance nos séculos XVI e XVII, o primeiro dicionário realmente digno do nome é o do Padre Rafael Bluteau, “*Vocabulário português e latino*”, 1712-28, 8v), obra monumental sobretudo para o seu tempo. Embora seja um dicionário bilíngue (português-latim), a parte relativa ao português é praticamente uma descrição do léxico de nosso vernáculo daquela época. No que concerne ao item linguístico *agora*, ele assim o define:

AGORA. Nesta hora, neste instante. *Nunc, ipsum. Iam nunc. In presenti. Jā. In presentia.* Cícero em vários lugares. *Hac ipsâ horâ. Hoc, ipso tempore.* Modo. Terent. / Inda agora se foi. *Jam jam, ou nunc, nunc, ou jam nunc abut.* / Agora que a idade lhe permite, &c. *Nunc. duan per atatem licet.* / Agora que o podemos ter. *Nunc cū baberi rotest.* Agora sim, que estou desocupado. *Nunc jam sum vacuus.* / Agora sim, que estou perdido. *Nunc enim vero occidi. Plant.* / Considerai agora o que elle tem feito desde aquelle tempo. *Agedam, ou Ageffis, ou Agevero, ou Agentaic considerare, quid ab eo tempore fecerit.* / Dizei agora, vos que tanto blasfemais, que fizereis vos? *Age porrô tu, qui te sic factas; quid faceres.* / Vejamos agora o mais. *Jam porro videasmus c&tera.* / Que direi agora o mais. *Jam vero quid de Lusitaniâ dicam: / Fallai agora. Nunc vero loquere. Grandes tormentas me*

vai preparando a enveja, *senão* para agora, para o futuro. *Magna tempesterum impendit*. Cic. / Até gora. Vid. Até. Desde agora. Vid. Desde. (BLUTEAU, 1728).

Mais de um século depois, nos deparamos com o dicionário Antonio Moraes Silva, 1813, o *Diccionario da Língua Portuguesa*. Nesse dicionário, também encontramos o item linguístico em análise:

Agora, Palavra composta de hac latina que quer dizer esta, e de hora; usa-se adverbialmente como v.g. *agora o vi*, que é o mesmo que: nesta hora o vi. “tão mofo serei que eu que logo o perigo estè mais preste *agora*, que outr’ora.’, Ferr Cioso: 4.1 Usa-se como substantivo: v.g. *desdeagora: para agora*. §. Neste instante, ensejo. §. Agora agora, i. é, neste mesmo instante. § Dizemos ironicamente, e como elipse, agora; sendo a frase ironica inteira “*agora he isso assim*.” i, é não é assim, e é hum modo de impugnar. §. *Agora* repetido vale uma vez, e outra vez: v.g. “tomando agora a espada, agora a espada, outr’ora a lança”. §. *Agora* repetido em diversas frases connexas significa, ou, quer, v.g. “agora vd, agora não vá.” e é antiquado este uso. §. Agora quer huma coisa, agora outra: modo dizer, que descreve a inscontancia de alguém. (SILVA, 1813).

Ainda no século XVIII, Luiz Maria da Silva Pinto, 1832, em seu *Diccionario da Língua Brasileira*, acrescenta sentidos ao *agora*:

Agora, adv. Nesta hora. Ajuntando-se a alguma partícula significa esta hora esta vez. Repetido que dizer humas vezes outras vezes: ou *Agora* por ironia, e por elipse, de um modo civil de contradizes ou negar e vale e vale o mesmo que dizer, *isso não eh assim*. (PINTO, 1832).

Candido de Figueiredo (1913), *Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, agrega outro valor ao item. “Agora adv. Nesta hora. Presentemente. * Conj. Todavia, mas: poderias mentir-me; agora enganar-me, isso nunca! (Do lat. hac + hora)”. Até o presente momento, o valor de conjunção ainda não havia aparecido nos estudos lexicais ou etimológicos.

Os dicionários contemporâneos da língua portuguesa apresentam outros usos para o *agora*. Como observaremos, os autores demonstram esses usos tanto com exemplos da literatura quanto da língua em uso, o que não era praticado nos dicionários clássicos. O primeiro deles, *Diccionario Contemporâneo da língua portuguesa* de Caldas Aulete (1964), assim define:

AGORA¹. *adv.* nesta hora, neste tempo, neste instante; atualmente, presentemente, nesta ocasião, nesta ação, neste caso: *Agora* é que são elas. || À vista disto, supostas essas coisas: Vejam *agora* os sábios da escritura, que segredos são estes da natura. (Camões.) || *Até agora*, até este momento. ||

Ainda agora, há alguns minutos ou há poucas horas. || *Ainda agora!* Exclamação interj., usada para significar a alguém que veio mais tarde do que se esperava. || Desde *agora*, desde este momento. || De *agora*, moderno presente, atual: Como é outro o amor de *agora*, é outra também a dor de *agora*. (D. Franc. Man. Melo, Carta de Guia de Casados, XIV, 84.) || —, conj. o mesmo que ora. Repete-se para exprimir a alternativa, a sucessão: Estando já a nau em termos de *agora* se vira, *agora* não. || —, conj. adversativa: Tudo desculpo, tudo esqueço, *agora* calúnias não admito. || *Agora!*, interj. usada quando não se acredita em alguma coisa que se ouve ou lê, ou quando não se concorda com ela. || [Substantivamente] : o *agora* e o depois dos bons é muito diferente do *agora* e do depois dos maus. (Heitor Pinto, Imagem, tomo I, IV, cap. III.) [Nota sintática: *Agora* pode ocorrer, com o verbo no pretérito, a significar *naquela hora, naquele momento*, então: Diz o mesmo S. João, que *agora* estava ao pé da cruz, que viu sair da boca de Cristo uma espada. (Vieira, Sermões, XV, p. 125, ed. 1748.) || F. lat. hac hora. **Agora**²(gó), interj. (Minho) forma enfática de responder, o mesmo que *agora!* Ex.: Vais à romaria? —*Agora!* Tenho que fazer! || F. *Ah! Agora!* [Agostinho de Campos, Glossário, supõe de *Olha agora!*]. (AULETE, 1964).

Além dos usos canônicos, pudemos observar o *agora* funcionando como conjunção e interjeição. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2009), *Novo dicionário da língua portuguesa* assim se pronuncia:

Agora. [Do latim hac hora, ‘nesta hora’.] **Adv.** 1 Neste instante, neste momento, nesta hora: ■ *Chegou agora; Agora não posso sair.* 2 Presentemente, atualmente: ■ *A moda agora são as roupas unissex.* 3. Nesse ou naquele instante, nesse ou naquele momento, nessa ou naquela hora; então: ■ *Lutara muito e agora queria descansar.* 4. Nesse ou naquele tempo, então: ■ “o Dr. Mendonça inventou um elixir contra a doença; e tão excelente era o elixir, que o autor ganhou um bom par de contos de réis. *Agora* exercia a medicina como amador.” (Machado de Assis, *Contos Fluminenses*, p.06). 5. Depois disto, diante disto: ■ “E *agora* José? / A festa acabou, / a luz apagou, / o povo sumiu, / a noite esfriou, / e *agora* José?” (Carlos Drummond de Andrade, *Reunião*, p. 70). 6. De *agora* em diante, doravante: ■ “Estava livre! Passara o perigo! *Agora* era esquecer o passado, ser dele, de Macambira, só dele!” (Coelho Neto, *Rei Negro*, p. 120.) • **Conj.** 7. Mas, porém, contudo, todavia. ■ *Ir é fácil, agora voltar é que são elas.* 8. Umas vezes, outras vezes, ora... ora: ■ “Língua minha dulcíssima e canora, / Em que mel com aroma se mistura, / *Agora* leda, lastimosa *agora*, / Mas não isenta nunca de brandura” (José Albano, *Rimas*, p. 75). • **Interj.** 9. Lus. Ora essa; ora: ■ “– Mas os outros são mais do que nós, mãe? – *Agora!* Tu és melhor que os filhos dos outros.” (Raul Brandão, *A farsa*, p.64). ♦ **Agora agora.** Bras. V. agorinha. **Agora mesmo.** V. agorinha: ■ *A carta chegou agora mesmo. Agora moderno.* Cabo-verd. Nos últimos tempos, atualmente. “Mas *agora moderno* tinha vindo outra ordem.” (Luís Romano, Negrume (Lzimparin), p. 64.) **Agora por ora.** Bras. MG. Na região são-franciscana, por enquanto. **De agora.** Do presente, atual. ■ *As crianças de agora são bem mais precoces que as de antes.* **Por agora.** Por enquanto: ■ *Obrigara, por agora não necessito de nada.*

Vale salientar que tanto na 1ª edição (15ª impressão) como nas edições de 1986, (2ª ed. 34ª impressão) e a de 1999 (3ª ed. 3ª impressão) possuem as mesmas definições.

E, finalmente, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* de Antônio Houaiss e Mauro de Sales Villar caracteriza o **agora** como:

Agora adv. (sXIII) **1** neste momento, neste instante <está entrando a. pelo portão><a. não pensa mais em estudar>**2** na época em que estamos, atualmente <estamos a. diante da relativização dos valores **3** daí em diante; doravante < a aposta está feita, a. restava esperar>**4** nesse (ou naquele) instante, momento, tempo etc. <esgotara suas energias, a. só queria descansar> **5** depois <se antes tudo fazia para agradar, a. não é capaz da menor gentileza> ■ conj. **6** conj. coord. liga palavras ou orações com a mesma função sintática: **6.1** conj. altv. frm. emprega-se repetido no início de duas frases seguintes, com valor alternativo; algumas vezes... outras vezes... ora... ora <a. chora, agora ri, não se contendo de emoção>**6.2** conj advrs. introduz oração ou período que faz oposição ou restrição ao que foi dito anteriormente; mas, porém, contudo <falar é fácil, a. fazer é difícil> ◊ a mesmo infrm. neste momento, neste instante; agorinha <fez o café a. mesmo> ● **de a.** presente, atual ● por a. provisoriamente, por enquanto, por ora <por a. os exames foram negativos>○ ETIM lat. hac hōra ‘esta hora’, abl. (HOAUISS, 2009).

Fica claro que os dicionários contemporâneos, em oposição aos primeiros dicionários da língua, já observam outros usos do item linguístico **agora**. Enquanto os dicionários antigos da língua, focalizam a função canônica do item baseando-se em cartas e algumas obras literárias clássicas; os dicionaristas do século XX e XXI procuram analisar a língua em uso, citando exemplos da oralidade, como em Ferreira (2009) “*Ir é fácil, agora voltar é que são elas*” e em Hoauaiss (2009) “por agora os exames foram negativos”.

Diante do exposto elaboramos a seguinte figura, tendo como base a classificação que adotamos para descrever e discutir o uso do **agora**:

Figura 1 – Comparação dos dicionários do século XVIII ao XXI: sentidos e usos do **agora**.

Autor	ano/ século	Agora advérbio de tempo [+ ref. presente]		Agora advérbio de tempo [+ ref. passada]		Agora advérbio de tempo [+ ref. futura]		Agora Conjunção adversativa/alternativa	Agora Interjeição (introdutor)
BLUTEAU, Raphael	1728 XVIII	X							
SILVA, Antonio Moraes	1789 XVIII	X							X
PINTO, Luiz Maria da Silva	1832 XIX	X							X

FIGUEIREDO, Candido de.	1913 XX	X			X	
AULETE, Caldas	1964 XX	X	X		X	X
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda	2009 XXI	X	X	X	X	X
HOAUAISS, Antônio	2009 XXI	X	X	X	X	X

Como vimos, em finais do século XVIII, os dicionaristas começam a perceber outro uso para o **agora** que não somente advérbio de tempo o que, daí por diante, é compreendido por todos os outros dicionaristas, portugueses e brasileiros, que citam as outras possibilidades de interpretação e exemplificam os diferentes usos do item em estudo.

1.5.4 O advérbio agora: Reflexões

O item **agora**, cujo ‘ponto de partida’ é o advérbio de tempo, conforme vimos nas seções anteriores que trataram das gramáticas e dos dicionários, passa a ter uma função mais discursiva exercendo a função de conector e introdutor discursivo e, assim, esse item que estava a serviço apenas de uma marcação temporal, passa a servir também como um elo entre as unidades comunicativas; exercendo, dessa forma, a condição textual, tida na Gramaticalização, como mais avançada.

Na obra *Prontuário de análise gramatical e lógica*⁹ de 1947, um pequeno livreto pouco mencionado e não citado nas gramáticas brasileiras é de grande importância para questionamentos linguísticos. Em uma breve introdução, o Padre Antonio da Cruz explica que, durante os 37 anos em que dera aulas de português, se deparou com inúmeras palavras da língua portuguesa que eram de difícil categorização. Embora tais itens estivessem expressos na gramática sua classificação não era suficiente para abarcar todos os seus sentidos. Ao realizar muitos estudos e confrontar os mais variados gramáticos, o estudioso criou suas próprias definições de certos itens lexicais, a maioria advérbios. Não há qualquer menção, por parte do autor, de quais *corpora* utilizara. No tópico “particularidades léxicas”, encontramos a seguinte análise do item lexical *agora*.

⁹ LÓGICA (in. Logic. fr. Logique; ai. Logik: it.Lógica). A etimologia dessa palavra (de Ἀόγος. que significa palavra", "proposições", "oração", mas também "pensamento") é tão equívoca quanto a noção que encerra. (ABBAGNANO, 2007).

AGORA. **1. Adv. de tempo.** Ex.: Ouçamos, *agora*, o que êle conta. **2. Conj. disjuntiva.** Ex.: *Agora* ne diz isto, *agora* aquilo. **3. Conj. adversativa.** Ex.: equivalendo a *entretanto*. Ex.: Nunca falei bem dêle, *agora* nunca falei mal. **4. Locução conjuncional de tempo:** *agora* que. **Locs. Adverbiais:** ainda que, até *agora*, *agora* mesmo, de *agora*, por *agora*, etc. **5. Interjeição:** *agora!* *Ainda agora!* (CRUZ, 1947).

Embora o Pe. Antônio da Cruz não explicita quais os *corpora* utilizados, podemos inferir que tanto pode se tratar de observações do português falado (popular e/ou culto) como de textos escritos oriundos desde o português arcaico até textos do início do século XX, época em que lecionava. É realmente espantoso que, conquanto ele não tivesse em mãos as grandes teorias linguísticas, chegasse a um nível de abstração tão complexo a respeito das inúmeras possibilidades funcionais dos mais diversos itens lexicais, especialmente os advérbios.

1.5.5 Estudos pioneiros

Em 1997, ao concluir que o estudo da Linguística no Brasil já dera passos consideráveis e ao perceber a necessidade de descrever o Português do Brasil, o professor Ataliba de Castilho (1991) preparou um projeto que culminou na *Gramática do Português Falado Vol. 1: A Ordem* que trata essencialmente da variante culta do português falado no Brasil, “tal como foi documentada em cinco capitais brasileiras” (CASTILHO, 1991, p.) a partir do conhecido Projeto NURC.

No capítulo *Considerações sobre a posição dos advérbios*, cuja responsabilidade coube a Rodolfo Ilari e outros estudiosos, os autores demonstram a inquietação que os motivou ao observarem que, diferentemente do que a análise gramatical tradicional trazia, ao longo dos séculos, os advérbios não poderiam ser classificados e funcionariam apenas como a tradição gramatical prescrevia. Os autores, então, levantam diversos problemas dessa categoria e procuram oferecer novas formas de análise. Dentre as propostas apresentadas, daremos atenção àquela que se refere ao item estudado em nosso trabalho.

No item 2.1.2. *Advérbios aplicados à sentença e advérbios aplicados ao discurso* (p. 84), observam os pesquisadores que os advérbios, “particularmente os dêíticos”, podem ultrapassar sua funcionalidade prototípica. Os autores afirmam: “encontramos, por exemplo, advérbios como **agora**, aplicados a segmentos de amplitude e natureza linguística diferentes” (p. 84). Ao observarem as ocorrências do Projeto NURC, depararam-se com inúmeros exemplos do advérbio **agora** oscilando em funções de não-advérbios. Os autores afirmam que tanto o advérbio **agora** como muitos outros itens linguísticos dessa classe gramatical tanto

funcionam na língua como advérbio como permeiam por outras classes e, em especial, como marcadores discursivos e conectores.

É notório que, com as primeiras observações da língua em uso, os linguistas percebem a dificuldade de engessar as palavras em determinadas classes sem observar sua real funcionalidade na língua.

Na *Gramática do Português falado Vol. 2: Níveis de análise linguística* (ILARI, 1992), que reúne ao todo quinze trabalhos, distribuídos em capítulos, no que se refere à Sintaxe foram dedicados seis trabalhos à classe dos advérbios dada a sua complexa funcionalidade. Daremos ênfase ao trabalho da professora Maria Helena de Moura Neves (1992) sob o título *Os advérbios circunstanciais (de lugar e tempo)*, no qual a autora não se propõe a apenas conceituar essa classe, papel da gramática tradicional ao longo do tempo, mas a constatação feita por ela diz respeito ao trânsito possível entre os advérbios de tempo e lugar. Em seguida, a autora admite que os advérbios de tempo podem facilmente ser encontrados com seu escopo temporal ampliado. Vejamos:

O advérbio agora (*hac hora*) não exprime momento ou período fisicamente delimitado, mas apresenta variação de abrangência que pode reduzir-se a um mínimo (pontual), [...] pode abranger um período maior ou menor, não só do presente, mas também do passado ou do futuro. (NEVES; ILARI, 1992).

Claramente observável que o resultado ao qual a autora chega foge da análise tradicional que classifica o item em estudo apenas como advérbio de tempo presente. Tal aspecto, de ampliação temporal, poderá ser percebido nos trabalhos que veremos a seguir.

1.5.6 Estudos contemporâneos

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o professor Paulo Henrique Duque (2002), em sua dissertação de mestrado, *O elemento agora, sob o enfoque da gramaticalização* se propôs analisar as funções desempenhadas pelo item linguístico **agora** baseado nos pressupostos teóricos da gramaticalização e funcionalismo. A questão central a que Duque (2002) procura responder é: “os diversos usos do **agora** podem ser explicados pela gramaticalização?” (p.2). Suas hipóteses vão desde a análise temporal extralinguística do **agora** dêitico, passando pela assimilação contrastiva que o **agora** tem assumindo adquirindo um valor gramatical de juntivo, até o uso discursivo do item que colabora na organização do sub-tópico e do tópico discursivo. O autor analisa ocorrências do elemento em *corpora* que “incluem trinta entrevistas que integram o repertório de dados da amostra 88 (CI) e 00 (CI),

do PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) – UFRJ” (DUQUE, 2002, p. 138). A partir de estudos preliminares, o autor afirma que o elemento investigado “pode exercer funções dêiticas, endofóricas, juntivas e discursivas” (DUQUE, 2002, p. 01). Durante o seu estudo, Duque recorda que etimologicamente o **agora** possuía em sua composição a forma *hac*, pronome demonstrativo.

O que funda a posição dêitica – espaço e tempo. A seguir o autor analisou cada função exercida pelo item **agora** verificando os usos do item que vão do temporal, passando pelo juntivo até o discursivo de acordo aos pressupostos da gramaticalização. Embora Duque (2002) não realize uma análise diacrônica do **agora**, o autor considera que tal análise seria relevante para conclusões mais aprofundadas. O autor conclui que a abrangência temporal do **agora** tem funções exofórica e endofórica através da anáfora ou da catáfora. Verificou ainda que **oagora** exerce função de juntivo adversativo e que seu uso discursivo advém da existência de ocorrências ambíguas oscilando entre o sentido de expectativa e ressalva participando assim da organização do discurso, “abrindo, encaminhando, retomando e fechando tópicos/ sub-tópicos” (p.124).

O trabalho do professor Duque (2002), o primeiro ao qual tivemos acesso quando do início de nossa pesquisa, enfatiza principalmente o uso do **agora** como juntivo adversativo e discursivo, mas não aprofunda na questão da ampliação temporal do item em estudo. É um trabalho de grande importância por ser um dos pioneiros a investigar os usos do **agora**. Ao final da dissertação, Duque sugere a análise de outros *corpora* de fala sincrônicos e é exatamente desse ponto que tomamos nosso estudo. Ele sugere também uma investigação de um *corpora* diacrônico e é o que encontramos no trabalho que veremos a seguir.

Na cidade de Niterói, Universidade Federal Fluminense, Fernanda Costa Demier Rodrigues (2002), em sua dissertação de mestrado intitulada *Prototipicidade e estabilidade funcional de agora*, interpretou, por meio da Teoria Funcionalista, os usos do **agora** que segundo a pesquisadora “vem sendo utilizado, também, com funções diferentes de seu padrão canônico” (p.12). Sob as hipóteses:

- a) advérbio temporal *agora* apresenta diversas faces funcionais, chegando, em alguns contextos, a se gramaticalizar; b) Os sentidos e usos afastados do eixo básico da categoria de advérbio temporal ocorrem da mesma forma em textos diacrônicos desde o latim; c) O item *agora* pode ser analisado sob a forma de um protótipo categorial, que vai adquirindo ou perdendo traços conforme a necessidade do contexto em que está inserido, mantendo de alguma forma, no entanto, um vínculo com o seu eixo básico de traços (RODRIGUES, 2002, p.14).

Para comprovar tais hipóteses, a autora utilizou *corpora* do “português arcaico (século XII ao XIV), português moderno (século XV ao XVI) e português contemporâneo (século XX)” (p.14).

A pesquisadora conclui que **oagoratanto** é usado como item gramatical quanto discursivo e, tal qual Neves/Ilari (1992), comprova que o escopo temporal do item pode ser encontrado ampliado tanto em ocorrências escritas quanto orais. A autora define esses traços como “[+referência presente], [+referência passada] e [+referência futura]” (RODRIGUES, 2002, p.5). Além dessa ampliação temporal, há também a conclusão que o *agora* é encontrado nos mais diversos *corpora* (desde o latim até o século XX), funcionando em outra classe gramatical: os conectores e, também como marcador discursivo. Ou seja, mais uma vez, há evidência de que há uma migração categorial. Assim, Rodrigues conclui que “o termo agora apresenta usos não-canônicos que vêm ocorrendo desde o latim e migra de uma categoria para outra, descategorizando-se enquanto advérbio” (RODRIGUES, 2002, p.119).

Do estudo de Rodrigues, extraímos principalmente a nomenclatura para a ampliação temporal do **agora**: “[+referência presente], [+referência passada] e [+referência futura]” (RODRIGUES, 2002, p.5). Isso, por considerarmos que é a nomenclatura mais adequada para a análise do item enquanto advérbio de tempo.

Na cidade de Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, a pesquisadora Mercedes Sanfelice Risso (2006), na obra *Gramática do português culto falado no Brasil*, escreve o capítulo 13 intitulado *Marcadores discursivos basicamente sequenciadores* no qual argumenta a respeito dos marcadores discursivos, denominados em seu texto de “unidades articuladoras” (RISSO, 2006, p. 427) que são elementos essenciais na comunicação oral, dentre os quais podemos destacar o **agora**. Risso utiliza, para coleta de dados e análise, o *corpus* PGPF: D2 REC 05 e EF SP 377 de São Paulo. A autora afirma que “apesar da produtividade desses mecanismos organizadores do texto, quase nenhum espaço é reservado para eles nas descrições gramaticais da língua” (RISSO, 2006, p. 428). Fato atestado nesse estudo e nas demais fontes bibliográficas pesquisadas. Para tanto, a autora apresenta, de forma mais abrangente, as diferentes funções exercidas por algumas unidades “na configuração de aspectos sequenciais e interativo do texto falado” dentre eles o **agora**.

Para Risso (2006), o **agora** é um “instanciador prospectivo do texto”, embora ela considere o **agora** enquanto advérbio de tempo que também aparece em ocorrências do seu *corpus*, deseja, em seu estudo, dar ênfase ao aspecto articulador atuante no “plano transfrástico” (RISSO, 2006, p. 430) e responsável por organizar o tópico ao qual estaria inserido.

Ela afirma que a função do agora é “sempre prospectiva: o **agora** é responsável por fazer avançar o discurso para uma situação sempre nova relativamente a uma situação antes verbalizada” (RISSO, 2006, p. 430) grifo nosso. O que, invariavelmente, é também uma função do advérbio homônimo. Embora, fique claro na observação das ocorrências demonstradas pela autora, que o marcador não pode sofrer testes de circunstância temporal.

É importante destacar outra conclusão, ao final do estudo referente à questão prosódica:

As pausas iniciais e uma ligeira descida no final na entonação que acompanham a ocorrência de cada marcador são fatos prosódicos mais ou menos constantes na realização de agora enquanto articulador da estruturação tópica, de modo geral. Em certos contextos, são, mesmo, o único dado palpável que diferencia o marcador do advérbio. (RISSO, 2006, p. 437).

Embora esse não seja o escopo do presente trabalho vale ressaltar que, em nossas análises, chegamos também a essa conclusão em específico e que pode ser o mote de uma nova análise do item. Para o nosso estudo, as contribuições de Risso (2006) dizem respeito especialmente a análise de todo o sintagma antes de concluirmos a função específica do **agora**. O sentido geral dos elementos da sentença são fundamentais para o estabelecimento do sentido do item em estudo.

Helena Gryner (2008), na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, escreveu a respeito de *A emergência das construções contrastivas introduzidas por agora* presente no livro *Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica* organizado por Sebastião Votre e Cláudia Roncarati (2008).

Em seu texto, a autora traz à tona a questão da função contrastiva encontrada no item linguístico **agora** em relação de oposição ao advérbio temporal **agora**. Para tal análise, a autora utiliza um *corpus* de falantes cariocas no qual encontra as ocorrências do item para transcorrer com a análise e centra-se, principalmente, na emergência de se compreender a estrutura da oração contrastiva com **agora**. Para a autora, apesar das construções com advérbio temporal ocorrerem em maior número que as contrastivas, essas também merecem uma análise rigorosa. Por meio do processo de gramaticalização, tal estudo torna-se explicável. Afinal, o principal pressuposto da gramaticalização é a mudança de categoria gramatical por determinado item linguístico, no caso de **agora** a “transição do *agora*-tempo para o *agora*-marcador discursivo” (GRYNER, 2008, p. 209).

A pesquisadora afirma que existem vários níveis de atuação do contrastivo **agora** no que se refere a “oposição entre fatos, eventos ou estados anteriores” (GRYNER, 2008, p. 209). E conclui afirmando que o item linguístico em estudo, gradualmente, foi introduzido entre os conectores contrastivos igualando-se ao conectivo prototípico *mas* em valor de contração.

Tais assertivas reforçadas por Gryner (2008) podem ser facilmente percebidas ao analisarmos amostras da fala do português popular de Vitória da Conquista. O item linguístico **agora** exercendo a função de conector sem qualquer reserva e em todas as faixas etárias. Conforme observado em nosso estudo, o **agora** enquanto construção contrastiva ocorre em igual número do **agora** temporal.

Outra vez em Niterói, UFF, no ano de 2009, a professora Fernanda Costa Rodrigues volta a escrever a respeito do **agora** e acrescenta a seu estudo o item linguístico *então*. A obra é a tese de doutorado intitulada *Padrões de uso e gramaticalização de agora e então* na qual a autora abarca um “*corpus* formado por romances e peças de teatro de quatro sincronias distintas [...] latina, [...] arcaica, [...] clássica [...] e moderna” (RODRIGUES, 2009), com o intuito de realizar a análise interpretativa dos dados através do pensamento funcional. Iremos nos ater a análise do item linguístico **agora**, foco do nosso estudo. Diferentemente de sua dissertação de mestrado, a autora conclui que há uma unidirecionalidade no processo de mudança de categoria, advérbio > conjunção, tal qual os pressupostos da gramaticalização estabelecem. A autora observa que:

Os traços considerados canônicos da classe dos advérbios [...] vão sendo substituídos ao longo do processo – devido a motivações discursivas – pelas características predominantes da classe das conjunções. (RODRIGUES, 2009, p. 139).

Embora ela afirme, como podemos observar facilmente, que ocorra a gramaticalização do item, a forma prototípica continua a funcionar na língua, apesar de já em sua forma mais primitiva apresentar o escopo temporal ampliado assumindo a função de retratar um tempo de “[+ referência temporal passada] em algumas situações e [+ referência temporal futura] em outras” (RODRIGUES, 2009, p. 140).

Outra função exercida pelo item lexical e retomada no estudo da autora supracitada é a de elemento de conexão. Ela verifica em seu *corpus*, em todas as sincronias, que o *agora* “registra funções como: [+ sequencializador], [+ opositor] e [+ concluidor]” (RODRIGUES, 2009, p. 140). Já enquanto marcador discursivo o item é assinalado com três usos “[+ introdutor de tópico], [+ enfatizador de tópico] e [+ retomador de tópico]” (RODRIGUES,

2009, p. 140), esses últimos se destacam nos usos mais discursivos. A autora retrata que se trata de uma mudança linguística de caráter unidirecional e diacrônico. Porém, a mudança não está relacionada a uma modificação definitiva de forma ou sentido, mas apenas varia de sentidos conforme a necessidade do falante.

A autora conclui afirmando que o termo é agora multifuncional e, ao se gramaticalizar ao longo da história da língua portuguesa, foi sendo utilizado tanto nos textos orais quanto nos escritos variando em sua forma mais temporal ou mais discursiva conforme a necessidade do falante.

Depois de um estudo tão complexo, no qual a autora exauriu a diacronia portuguesa desde seu período arcaico até o século XX, percorrendo os nomes mais importantes de cada fase, parece-nos que a análise do item está findada. No entanto, vale salientar que o estudo sincrônico do português falado no Brasil, em especial o português popular, ainda é um campo vasto e praticamente inexplorado. E, para validar tais funções no uso faz-se necessário proceder com tal análise.

Em nosso estudo partimos do pressuposto que as multifunções do **agora** coocorrem devido ao seu valor e necessidade individual de cada falante da língua amparado pelo uso comum já cristalizado na língua em uso.

Por fim, na cidade de Belo Horizonte, na Faculdade de Letras da UFMG, Elane Calmon Silva (2010), em sua dissertação de mestrado *A gramaticalização do item agora no português brasileiro* também se propôs a apresentar uma análise do item sob a perspectiva da gramaticalização. Para tanto, ela utilizou “um estudo diacrônico, de natureza quantitativa, em dois *corpus*: de 1986 e 2006, ambos de falantes da cidade de Belo Horizonte” (SILVA, 2010, p. 11). Além das categorias já estabelecidas e classificadas por outros estudiosos, a pesquisadora acrescenta a de “indicador de expressão idiomática” à sua análise. A autora explica que o processo de gramaticalização não ocorreu tal qual previsto pela teoria, pois, o **agora** funcionando como conector não superou em números de ocorrências o prototípico temporal na comparação dos *corpora*. Para a autora, tal afirmação se deve ao fato de “devido a ausência de concorrente que, produtivamente, pudesse substituí-lo nos mesmos contextos” (SILVA, 2010, p. 88).

Em contrapartida, o item encontra outros marcadores discursivos com o qual concorre o que evitou o aumento em demasia de sua ocorrência na conferência dos *corpora*. Comparando as duas sincronias houve um pequeno crescimento nas ocorrências de 2006 em relação a 1986 em ambos os usos. No quadro comparativo em relação à faixa etária, Silva

(2010) observou que os mais jovens tendem a usar a forma prototípica em maior número em relação aos mais velhos (16 a 21 anos X 30 a 55 anos).

Apesar de ser um trabalho complexo, a autora aplica a apenas o aspecto quantitativo sem realizar explicações referentes às categorias funcionais do item em estudo. No entanto, qualquer análise quantitativa nos ajuda a pensar em aspectos de nosso próprio trabalho.

Analisando todos os trabalhos supracitados, percebemos a necessidade emergente de um estudo mais direcionado ao português popular. Nosso estudo pretende exatamente se debruçar sobre as ocorrências analisando as funções e usos do **agora** sem, no entanto, exaurir as possibilidades de análise, pois tal item ainda não foi estudado em *corpora* de português culto e de português rural para que haja uma comparação entre as falas do português brasileiro.

2 METODOLOGIA

Com o propósito de descrever e analisar os usos do item **agora** no *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus PPVC*), apresentaremos, sucintamente, o conceito de português popular e passaremos às etapas de caracterização da comunidade de fala, constituição do *corpus*, incluindo as formas de realização das entrevistas e o recurso utilizado para transcrição.

Para tanto, faz-se necessário inicialmente, de maneira sucinta, compreendermos do que se trata o português popular e, em seguida, conhecermos a comunidade de fala a qual iremos analisar.

2.1 O português popular: caracterização

Das definições possíveis sobre o português popular do Brasil, a definição do professor Jorge Augusto Alves da Silva (2005) é bastante elucidativa e a utilizaremos em nosso estudo. Ele afirma que:

A nossa definição de português popular do Brasil parte do princípio de que seus falantes caracterizam-se pela falta do letramento¹⁰ ou pelo pouco letramento a que foram submetidos, portanto a escolha dos informantes pautou-se na escolha daquela parcela da população em que o letramento tenha sido precário ou não tenha ocorrido. (SILVA, 2005, p.33).

Assim, compreendemos que o português popular falado no Brasil caracteriza-se pelos falantes os quais não tenham frequentado a escola ou que tenham frequentado por um período curto, de forma precária, não sendo suficiente para alcançarem o letramento.

2.2 A comunidade de fala de Vitória da Conquista

Vitória da Conquista localiza-se no Sudoeste da Bahia, com população estimada em 306.866 habitantes, segundo dados do censo 2010 realizado pelo IBGE e é hoje a terceira maior cidade do estado. Até a década de 1940, a base econômica do município era a pecuária extensiva. Assim, a até então Imperial Vila da Vitória (até 1891) e, depois simplesmente, Conquista (até 1943) servia como ponto de passagem para os vaqueiros e fazendeiros que

¹⁰ Aqui, tomamos letramento por alfabetismo, embora reconheçamos as diferenças ideológicas que separam os termos.

escoavam seu gado para fazendas e municípios do interior do estado. Finalmente, depois da década de 40 é que a economia da cidade passou a depender basicamente de um comércio diversificado que atendia não só a zona rural do município como também outras cidades circunvizinhas. Atualmente, a cidade também é conhecida por ser um polo educacional.

2.3 A construção do *corpus*: seleção de informantes

O *corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (Corpus PPVC)– Bahia é realizado pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e pelo Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq, com a participação de bolsistas de IC (FAPESB, CNPq, UESB) e voluntários. Os informantes serão identificados por siglas seguido da idade e sexo.

A princípio, os grupos de pesquisa resolveram selecionar 24 (vinte e quatro) informantes conquistenses com escolaridade precária (1 a 5 anos) ou sem escolaridade oriundos de quatro bairros da cidade divididos entre as zonas leste e oeste e com faixa etária entre 25 e mais de 75 anos e do sexo masculino e feminino. Um dos maiores desafios dos grupos foi encontrar informantes conquistenses filhos de conquistenses. Foi, portanto, estabelecido que para ser considerado “conquistense” o informante deveria morar na cidade há mais de 25 anos e/ou ser filhos de migrantes. Outra questão bastante relevante é a de que encontrar moradores da zona urbana sem escolaridade nenhuma torna-se cada vez mais difícil e isso se deve aos inúmeros programas do governo com finalidade de promover a alfabetização e escolarização dos brasileiros.

Não é nosso propósito discutir aqui as questões de Letramento, o que em tese não é em absoluto resolvido pelos programas educacionais. Assim, por vezes, alguns informantes poderão ter cursado até o 5º ano do Ensino Fundamental em programas do tipo EJA (Educação de Jovens e Adultos). Preliminarmente, para o primeiro momento da análise, foram selecionados 10 (dez) informantes e, agora, para finalizarmos nossa pesquisa, nessa dissertação de mestrado, analisamos um total de 24 (vinte e quatro) informantes descritos a seguir.

2.4 Análise quantitativa dos Informantes

Figura 2 – Visão do corpus do PPVC usado no escopo deste trabalho

Nº	Informante	Sexo	Idade	Escolaridade
01	G.N.B.	F	24	5ª série
02	C.D.S.	F	31	1º Série
03	S.J.S.	F	33	4º série
04	S.S.C.	F	33	2º série
05	A.A.B.	F	36	4ª série
06	E.S.P.	F	38	6º série
07	E.S.B.	F	45	3º série
08	M.J.P.S.	F	50	3ª/4ª Série
09	M.C.A.O.	F	75	sem escol.
10	J.P.R.B.	F	80	sem escol.
11	Z.C.D.M.	F	83	sem escol.
12	E. L. C.	F	96	sem escol.
01	L.B.R	M	17	4º série
02	J.S.R.	M	28	4º série
03	R.T.	M	37	sem escol.
04	S.A.A	M	37	5ª série
05	W.S.S.	M	41	2ª série
06	J.C.S.	M	41	1º Série
07	E.P.S.	M	45	1º Série
08	E.F.O.	M	72	4ª série
09	A.R.A.	M	76	1º Série
10	J. A. P.	M	79	1º Série

Como havíamos sinalizado anteriormente, para preenchimento da ficha, a maioria dos informantes relatou ter estudado até a 4ª série (5º ano) do Ensino Fundamental. Contudo, durante a conversa informal, os entrevistadores declaram que os informantes, apesar de

relatarem terem cursado até a 4ª série do Ensino Fundamental, na verdade ou foram precariamente alfabetizados ou estão nos cursos EJA (Educação para Jovens e Adultos) em escolas próximas às suas residências.

Todos os informantes possuem ocupações e uma rede de relações urbanas. Trabalham em diversas áreas as quais os levam a manter contato com pessoas de todos os níveis sociais, econômicos e de escolaridade variada. Todos assistem a programas na televisão regularmente e ouvem programas no rádio ocasionalmente. E esse foi um tema ricamente abordado durante as gravações¹¹.

2.4.1 As entrevistas

Após a seleção dos informantes e o preenchimento da ficha social (nome, idade, escolaridade), foram realizadas gravações por membros dos grupos de pesquisa.

Com um roteiro previamente elaborado pelo grupo de pesquisa, o entrevistador conduz uma conversa com o informante da maneira mais informal possível. As perguntas foram elaboradas a fim de se diminuir o paradoxo do observador, nos termos labovianos.

Após a realização das entrevistas, elas foram transcritas¹² pelos componentes dos grupos de pesquisa amparados pela chave de transcrição proposta pelo professor doutor Dante Lucchesi (s.d.) na qual “optou-se pela transcrição ortográfica em detrimento da fonética, porque aquela possibilita uma melhor visualização do texto, atendendo igualmente às necessidades da análise” (LUCCHESI, s.d.).

Com as transcrições em mãos, partimos para análise e seleção¹³ dos dados.

¹¹ Nas entrevistas com informantes evangélicos percebemos que ao relatarem suas experiências incorporam itens linguísticos e sentenças oriundas daquele lugar o que influencia diretamente em seu modo de falar, apesar desse não ser o escopo do nosso trabalho consideramos essa informação relevante.

¹² Vide em anexo UMA ENTREVISTA TRANSCRITA por amostragem.

¹³ Vide em anexo UMA SELEÇÃO DE DADOS por amostragem.

3. ANÁLISE DOS DADOS

A seção que se inicia tem o propósito de discutir os dados das funcionalidades prototípica e não-prototípicas do item linguístico **agora** encontrados no *corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC).

Intencionamos, por meio da quantificação dos dados, demonstrar os usos concretos e abstratos, bem como estabelecer as marcas de comportamento dos usos do **agora**¹⁴ entre os falantes do PPVC e, assim, visualizar um padrão de regularidade do uso desse item.

3.1 Funcionamento do **agora** no *corpus*: categorias

Nessa seção, discutiremos os usos do **agora** à luz da análise do *corpus* do PPVC.

3.1.2 Função advérbio [+ referência temporal presente]

O item linguístico **agora**, tal qual vimos, em sua forma prototípica é um advérbio de tempo presente representando “neste momento”. No *Corpus* PPVC, em um total de 295 (duzentas e noventa e cinco) ocorrências do item, 178 (cento e setenta e oito) apresentam a forma prototípica, ou seja, [+ escopo verbal], [+ mobilidade] e [+ circunstanciação], traços comuns a qualquer outro advérbio e frequente em todos os dados do *corpus*. Vejamos as ocorrências (1), (2), (3), (4), (5)

(1) INF: Eu me~~o~~mo *chegano***agora** eu só vou *pro* computador, no Orkut, no msn. (L.B.R. 17 anos, homem).

(2) INF: {init}¹⁵. Mais **agora** eu num *tô ino* não, porque *tôcum* a coluna ruim, viu. (risos e ruídos). (S.J.S. 33 anos, mulher).

(3) INF: ai o bairro **agora** acho que tem mais de mil e tantas pessoas. (W.S.S. 41 anos, homem).

(4) INF: *Oia* eu {init}¹⁶ na educação de antes na de **agora** a educação de antes + <po~~o~~que> eu fico assuntando. (M.C.A.O. 75 anos, mulher).

(5) INF: ... ela *tá* até aí, **agora**... que ela *entrô* aí [aquela hora]... *cê* tem umas vista boa, porque no escuro... (E.F.O. 72 anos, homem).

¹⁴ Reconhecemos que os usos aqui elencados não se restringem ao Português Popular, mas permeiam outras variedades da língua portuguesa.

¹⁵ Indicação de trecho ininteligível.

¹⁶ Indicação de trecho ininteligível.

(6) INF: Não. Eu *num tempreferença* com candidato nenhum, porque a *premissa dels semp...* todas *sons* iguais, *né*, as *premissa dels*, e no fim *quand els ganha num* faz nada. E aí **agora** eu *num* tem *preferença* nenhum por enquanto. (A.R.A. 76 anos, homem).

(7) INF: Não... da minha família... não, só meu pai mermo **agora** que deu um problema aí, mas graças a Deus tá... *melhorano*. (S.A.A.37 anos, homem).

As ocorrências do **agora**, enquanto prototípicas, aparecem de forma natural, nas entrevistas, para marcar o tempo [+ referência presente]. Os dados, porém, apontam a tendência do uso desse advérbio concomitante ao uso de verbos no gerúndio, como observamos em (1) e (2). Concluímos, a partir dessa observação e constatação, que o esvaziamento semântico do **agora** propicia o uso da forma nominal gerúndio para reforçar a noção de tempo presente já em vias de abstratização, como pode ser observado em (1) *chegano**agora***; (2) *num tô ino* não.

3.1.3 Função advérbio [+ referência temporal passada]

Ainda, ocupando a categoria de advérbio, porém com o escopo temporal ampliado, conforme apresentou Rodrigues (2009), no qual o advérbio recupera um tempo imediatamente anterior ao do momento da fala, [+ referência temporal passada], a fim de trazer uma informação nova ao discurso ou corrigir o tempo da narrativa. O advérbio de tempo com [+ referência temporal passada] formam um total de 16 (dezesesseis) ocorrências no *corpus*. Observemos em (8), (9), (10), (11) e (12):

(8) INF: Eu fui no que [tev] **agora**. (L. B. R. 17 anos, homem).

(9) INF: Tem dezesseis anos. Dezesseis anos, não. Dezessete. Fez **agoraem** Dezembro. (S.J.S.33 anos, mulher).

(10) INF: Eu passei de servente, aí: **agora** comecei trabalhar de pedreiro, meu pai era pedreiro, né? (J.S.R. 28 anos, homem).

(11) INF: *Ixi*, ia, nós dançava a noite toda. {risos} E eu carregava noivo *demais pa casá* e **agora** toda festa eu tava, né. (E. L. C. 96 anos, mulher).

(12) INF: “Quando foi no fim, doutora, minha esposa... eu *truxe* ela *praqui* pra São Paulo, os médico mandou ela veio a falecer **agora** em abril” e ela falou: “Pois é o *senhô* não pode *ficá* na solidão, o *senhô* tem que *andá*, *andá* no meio de gente”. (J.A.P., 79 anos, homem).

A observação da ampliação no escopo temporal se sustenta na análise do tempo verbal da sentença indicada com o reforço do verbo a ele adjungido, como em: (8) acabou; (9) fui; (10) fez; (11) comecei; (12) *tava*; (13) veio. A ação verbal parte de um tempo imediatamente anterior ao do discurso e, embora haja esse alargamento temporal, o valor de presente persiste no item, sendo representado por um deslocamento do tempo presente em

direção ao tempo passado. Essa permanência do valor presente, ainda que a intenção do informante no ato de enunciação fosse a de utilizar o advérbio com o valor de passado, é justificado pelo princípio da persistência, apresentado na seção 1.3.

Quanto a análise quantitativa, observando os fatores sociais, os dados apontam que os homens realizam mais sentenças nas quais o **agora** apareça com a função [+ referência temporal passada] conforme exposto na figura 04.

3.1.4 Função advérbio [+ referência temporal futura]

Por fim, ainda, na forma prototípica de advérbio, embora com o escopo temporal ampliado, encontramos um total de 14 (quatorze) ocorrências que retratam o traço Função [+ referência temporal futura]. Neste sentido, o uso do **agora** reflete um deslocamento do tempo presente em direção ao tempo futuro. Como pode ser verificado nas ocorrências que seguem:

(14) É verdade, vai fazer treze. **Agora** em julho faz treze. (E.S.B. 45 anos, mulher).

(15) Eu *tô* com cinquenta e sete *ano* de casada... **agoraem** abril vai *fazê* cinquenta e oito. É bastante tempo, é uma vida. (M.C.A.O. 75 anos, mulher)

(16) INF: já *tô* com quarenta *ano* que vai fazer **agora** ni... **agora** ni *ôubro* faz quarenta ano. (E.F.O. 72 anos, homem).

(17) INF: Eu *tô* com oitenta e três anos vou *interaragora* {init.} minhas pernaØ estão muito fracaØ, viu <eu não posso mais ajudar a senhora> (E.J.R. 83 anos, homem).

(18) INF: 'Tá *passano* uns tempo em *Salvadô*, **agora**, em novembro ela vem. (J.P.R.B. 80 anos, mulher).

Tal qual na análise anterior, a observação da ampliação no escopo temporal se baseia na análise do tempo verbal da sentença: em (14) faz (para fará); (15) vai *fazê* (para fará); (17) vou *interar*; (18) vem (para virá). A ação verbal parte de um tempo imediatamente posterior ao do discurso para indicar um evento futuro. Frisamos, contudo, em consonância ao princípio da persistência já apresentado anteriormente, que, embora haja esse alargamento temporal, o valor de presente persiste no item.

3.1.5 Função Introdutor discursivo

Os itens linguísticos que desempenham o papel de introduzir o discurso ou a sentença tem a função de iniciar, por exemplo, uma conversação. O **agora**, em seu leque de funções, exhibe a função de introdutor discursivo em algumas sentenças do *corpus*. Registramos essa função em 16 (dezesseis) ocorrências. Observemos algumas:

(19) INF: *Xô vê, agora é [sé], meu pai, ele é uma figura. [...].* (S.J.S. 33 anos, mulher).

(20) INF: Resolveu. **Agora** assim, dia *trêspro* dia oito, até o dia *trêspro* dia oito vai ligar. (E.S.B. 45 anos, mulher).

(21) INF: **Agora** sendo *de maior*, de idade *pa* você começar é *mei deficit* né. (W. 41 anos, homem).

(22) INF: **Agora**, *papagai* velho num conversa, *num.. num* fala mais nada, só faz {ININT}, num é não? (E.F.O. 72 anos, homem).

(23) INF: **Agora**, *falá procê*, eu tem *vontad* de *tê* minha *propa* casa, *poque...* mora na casa de *soga* ou de *sognum* dá *cert*. A *gent* mora queé o *jeit*, *né*, mas *num* dá *cert...* *p'que* eu tem *vontad* de *tê* minha *popa* casa, *distant* de *sog* e de *soga*. (C.D.S. 31 anos, mulher).

(24) INF : Eles se juntaram ,aí ININT doze filho. Juntaram mais, fez mais filho. Juntaram, fez doze filhoØ. **Agora** tem uns dez *ano* que eles separaram. *Painho* mora sozinho na casa dele, ela mora sozinha na casa dela. (R.T. 37 anos, homem).

No uso do **agora**, na condição de introdutor discursivo, podemos perceber a função enfatizadora da sentença a qual nos remete também a função temporal, ainda que de forma implícita. Com isso, mais uma vez, o princípio da persistência, postulado por Hopper (1991), se faz presente.

3.1.6 Função Conector [+ adversativo]

No processo de Gramaticalização um item, por exemplo, um advérbio, pode migrar para uma outra condição/categoria, por exemplo, funcionando como um conector na oralidade. É exatamente o que podemos perceber que ocorre em 96 (noventa e seis) ocorrências do **agora** no *Corpus* PPVC. O item funciona como um conector adversativo por estabelecerem a ideia de oposição entre os termos da sentença, o que, em essência, caracteriza o processo de Gramaticalização especialmente quando se refere ao princípio de Decategorização, ou seja, a mudança de uma categoria, advérbio, para outra, conector.

O conector, denominado conjunção na tradição gramatical, “é outro dos meios de que a língua dispõe para estabelecer a ligação entre palavras, grupos de palavras e frases e, simultaneamente, para exprimir determinadas relações semânticas entre as unidades” (VILELA; KOCH, 2011, p. 259). Com o conector opositivo, “o que é dito no segundo termo contraria as expectativas geradas no primeiro, ou, em outros termos”. (CASTILHO, 2010, p. 351). Nos excertos que se seguem, poderemos observar tal funcionamento com clareza.

(25) INF: *Num* gosto não... *num* gosto não... *assim* eu sei dá química em cabelo assim, produto, assim pintar, relaxar, **agora** pra escovar eu num gosto não. (E.S.P. 38 anos, mulher).

(26) INF: Presente é presente né? Acho que é coisa [ININT] é roupa, um sapato, um perfume, **agora** chegando na geladeira e dizer que é seu presente de aniversário... (A.A.B. 36 anos, mulher).

(27) INF: Ele só tomava cerveja, *sábo* e domingo, no lugar dele tomar um remédio. Por isso que ele morreu, que ele, no lugar dele tomar remédio ele tomava era cerveja *sábo* e domingo, **agora**, ele num era uma pessoa ruim não. (E.S.B. 45 anos, mulher).

(28) INF: Como eu disse pra você leitura não, porque eu não aprendi, **agora** de falá eu *num* tem *avechu* de falá em qualquer lugar. No *mei* de... de rico, de pobre, no meio de multidão, onde fô pra mim falar eu não *avechu* de falar. Porque eu só sô *anafabeta* num tem timidez não. (M.C.A.O. 75 anos, mulher).

(29) INF: Não tenho não... *morá*... tenho vontade de *morá* em *ôto* bairro, **agora**, assim, mas em ôtra cidade não. (G.N. B. 24 anos, mulher).

(30) INF: Tinha... tinha muita vontade de *estudá*, **agora** só que *num* podia, porque a mais *vea* era eu, desde sete ano [no] trabalho... (G.N.B. 24 anos, mulher).

(31) INF: [...]“Num tem remédio nenhum pra isso, **agora** vou passar esse exame *pro* senhor, vou passar um comprimido, um comprimido já é pra perda de memória”. (J.A.P. 79 anos, homem).

(32) INF: ...é... deveria *sê* essencial, era a saúde, **agora**, tem várias coisa aí que precisa *melhorá*, né? (J. A. P. 79 anos, homem).

Ao comutarmos o **agora** pela conjunção adversativa *mas*, sua função torna-se ainda mais explícita. Castilho (2010, p. 351) afirma que “o estudo das adversativas, particularmente da conjunção *mas* na língua falada, oferece interessantes perspectivas sobre a gramaticalização”. Tal fato pode ser também adicionado ao estudo do **agora** enquanto conector adversativo.

O **agora**, assumindo essa categoria, parte de sua forma [+ concreta, advérbio de tempo presente] para, depois de ter seu escopo temporal ampliado e funcionar como introdutor discursivo, finalmente, chegar a seu funcionamento [+ abstrato como conector adversativo]. Podendo ser, assim, representado: [+concreto] > [+abstrato].

3.1.7 Função Conector [+ explicativo]

Por fim, encontramos 02 (duas) ocorrências do **agora** funcionando como um conector explicativo, exercendo, também, a função de conexão na oralidade. Vejamos (33) e (34):

(33) INF: ... **agora**, eu gosto mais de *assistí* é o jornal, **agora** assim, o jornal, eu assisto todo... (E.F.O. 72 anos, homem).

(34) INF: Resolveu. **Agora** assim, dia três *pro* dia oito, até o dia três *pro* dia oito vai ligar, pagou o IPTU. (E.S.B. 45 anos, mulher).

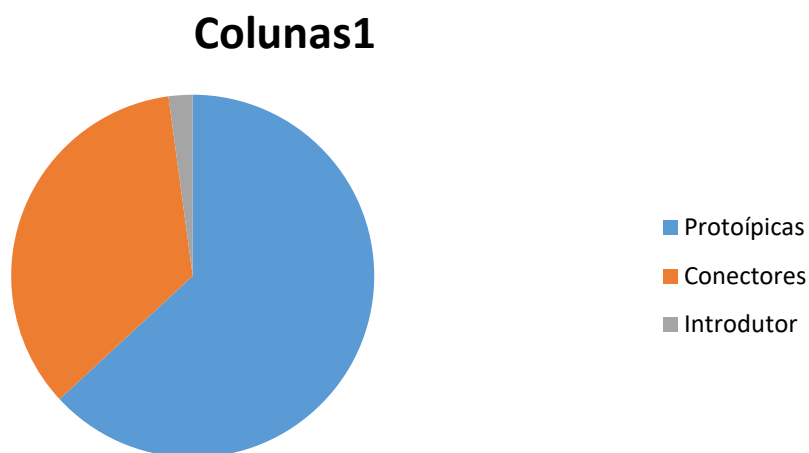
Os conectivos explicativos indicam que alguma informação na sentença necessita de uma atenção especial e o **agora**, ocupando essa função em específico, consegue abarcar bem tal necessidade.

É válido ressaltar que o **agora**, nessa função, está, na maioria das vezes, ao lado do item **assim**. Dessa forma, esta análise tanto pode ser do item **agora**, observando os itens que o margeiam, como da expressão **agora assim**.

3.2 Dados gerais

Foram encontrados e categorizados, conforme pode ser observado na figura 04, um total de 292 (duzentas e noventa e cinco) ocorrências do item linguístico **agora** no *corpus* do PPVC. Sendo 178 (cento e setenta e oito) ocorrências da forma prototípica advérbio de tempo [+ referência presente], [+ referência passado], [+ referência futura]. 98 (noventa e oito) na forma de conectores, adversativo e explicativo, e 16 (dezesseis) na forma de Introdutor, como podemos visualizar na figura a seguir:

Figura 3 – Demonstrativo das ocorrências do **agora** no *corpus* do PPVC



3.3 Uso da forma prototípica

Observaremos, primeiramente, a análise quantitativa do uso prototípico do **agora** como advérbio de tempo presente. Embora, já poderemos visualizar os usos da ampliação do

escopo temporal do item linguístico em estudo. Contudo, trataremos de cada referência e seus conceitos na próxima seção.

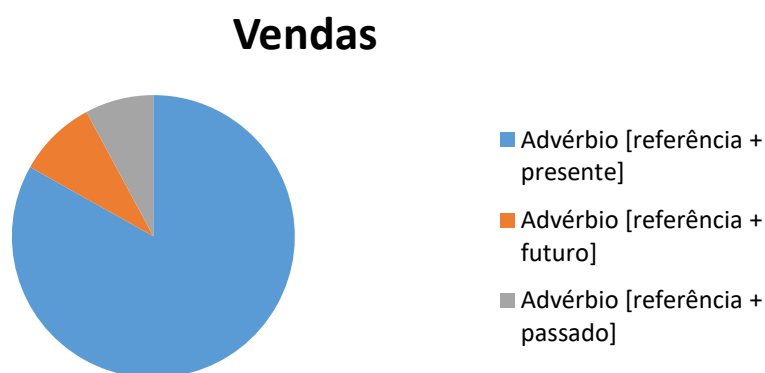
Figura 4 - Análise quantitativa dos dados: uso + concreto

Nº	Informante	Sexo	Idade	Total de ocorrências agora	Advérbio [referência + presente]	Advérbio [referência + futuro]	Advérbio [referência + passado]
01	G.N.B.	F	24	23	11	---	---
02	C.D.S.	F	31	15	11	---	---
03	S.J.S.	F	33	17	09	01	02
04	S.S.C	F	33	05	04	---	---
05	A.A.B.	F	36	06	05	---	---
06	E.S.P.	F	38	22	15	01	---
07	E.S.B.	F	45	13	06	02	---
08	M.J.P.S.	F	50	09	07	---	01
09	M.C.A.O.	F	75	16	05	03	---
10	J.P.R.B.	F	80	24	10	02	---
11	Z.C.D.M.	F	83	14	06	---	---
12	E.L.C.	F	96	07	02	---	01
	TOTAL	F		171	91	09	04
					104		
					uso + concreta		
01	L.B.R	M	17	06	03	01	02
02	J.S.R.	M	28	09	04	---	02
03	R.T.	M	37	08	05	---	---
04	S.A.A.	M	37	11	06	---	01
05	W.S.S.	M	41	16	11	01	---
06	J.C.S.	M	41	05	04	01	---
07	E.P.S.	M	45	01	01	---	---
08	E.F.O.	M	72	22	04	02	01

09	A.R.A.	M	76	16	08	---	01
10	J.A.P.	M	79	08	03	---	01
11	E.J.R.	M	83	11	01	01	01
12	Z.S.N.	M	86	11	07	---	01
	TOTAL	M		124	57	07	10
						74	
						uso + concreta	
	TOTAL	F/M		295	148	16	14
						178	
						forma prototípica	

Para uma melhor visualização, observemos o gráfico dessa análise quantitativa.

Figura 5 - Análise quantitativa dos dados uso + concreto



É notório que de um total de 178 (cento e setenta e oito) ocorrências da forma prototípica do advérbio, a maioria, 83%, são do uso + concreto, com referência ao tempo presente. No entanto, não podemos descartar as outras formas que possuem o escopo temporal ampliado, 17% das ocorrências.

3.3.1 *Uso da forma não-prototípica*

Verificaremos nessa seção os usos não-prototípicos do **agora**.

Após confirmar que o escopo temporal do advérbio **agora** é usado de forma ampliada, constatamos que no *corpus* PPVC, o item linguístico em estudo também aparece com outras formas de uso as quais representam 39% do total das ocorrências no *corpus*. O aparecimento desse uso é notório e é quantitativamente expressivo. Os usos não prototípicos do **agora** no *corpus* são como conectivos e introdutor discursivo.

A respeito dos conectivos, Castilho (2010, p. 581) esclarece que “Os conectivos sentenciais e textuais derivam de advérbios, por gramaticalização”. O autor afirma ainda que “uma condição para o sucesso das palavras que se candidatem a conjunções é que tenham algum valor fórico, para retomar o que foi dito e anunciar o que se segue, tanto quanto algum valor dêitico, para localizar as proposições no tempo do discurso” (CASTILHO, 2010, p. 343).

Já os introdutores discursivos, que dificilmente são encontrados na escrita, no discurso falado são indispensáveis.

Figura 6 - Análise quantitativa dos dados uso + abstrato

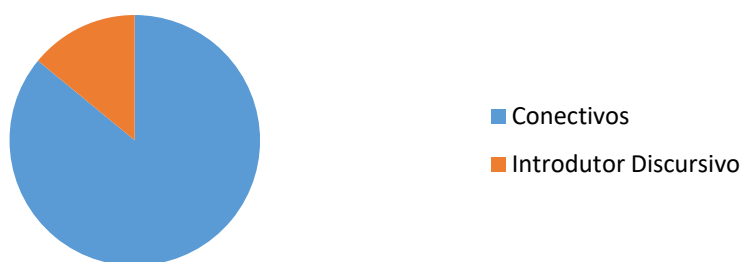
Nº	Informante	Sexo	Idade	Total de ocorrências agora	Conectores		Introdutor discursivo
					adversativo	explicativo	
01	G.N.B.	F	24	23	10	---	---
02	C.D.S.	F	31	15	03	---	01
03	S.J.S.	F	33	17	04	---	01
04	S.S.C	F	33	05	01	---	---
05	A.A.B.	F	36	06	---	---	01
06	E.S.P.	F	38	22	06	---	02
07	E.S.B.	F	45	13	03	---	01
08	M.J.P.S.	F	50	09	---	---	01
09	M.C.A.O.	F	75	16	08	---	---
10	J.P.R.B.	F	80	24	12	---	01
11	Z.C.D.M.	F	83	14	08	---	---
12	E.L.C.	F	96	07	02	---	02
	TOTAL	F		171	57	---	10

					57		10
					67 uso + abstrato		
01	L.B.R.	M	17	06	---	---	---
02	J.S.R.	M	28	09	---	---	---
03	R.T.	M	37	08	---	01	02
04	S.A.A.	M	37	11	03	---	01
05	W.	M	41	16	03	---	01
06	J.C.S.	M	41	05	---	---	---
07	E.P.S.	M	45	01	---	---	---
08	E.F.O.	M	72	22	13	---	02
09	A.R.A.	M	76	16	06	---	---
10	J.A.P.	M	79	08	04	---	---
11	E.J.R.	M	83	11	07	01	---
12	Z.S.N.	M	86	11	03	---	---
	TOTAL	M		124	39	02	06
					41		06
					47 uso + abstrato		
	TOTAL	F/M		295	96	02	16
					98		16
					114 forma não-prototípica		

Para uma melhor visualização, observemos o gráfico dessa análise quantitativa.

Figura 7 - Análise quantitativa dos dados uso + concreto

Colunas1



3.3.2 Forma prototípica X Forma não-prototípica

O **agora**, enquanto advérbio de tempo, mesmo com seu escopo temporal ampliado é maioria seu uso no *corpus* PPVC. Embora esse uso esteja cristalizado na língua outros usos surgiram ao longo da história do português, comprovado por outros autores da moderna linguística e até mesmo pelos dicionaristas, como, por exemplo, Aulete (1964), Ferreira (2009) e Hoauaiss (2009).

Figura 8 – Comparação entre a Forma prototípica e as Formas não-prototípicas

Colunas1



3.4 Variáveis

Recordando o que afirmam Cezario e Votre (2008, p.141) “A Sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”. Assim, observar os aspectos sociais e culturais dos informantes do *corpus* torna-se imprescindível. Ressaltamos que, embora nosso escopo seja a análise geral dos dados, as variantes idade e sexo são relevantes e merecem ser discutidas. No total de 24 (vinte e quatro) entrevistas, 12

(doze) são homens e 12 (mulheres), obtivemos 295 (duzentas e noventa e cinco) ocorrências do item, as mulheres realizaram 58% e os homens 42% dessas ocorrências. Como pode ser observado na figura 04, as mulheres realizaram mais ocorrências da forma prototípica do **agora**, 62%, enquanto os homens usaram o **agora** advérbio [+ referência presente] 38%. Também no uso da forma + abstrata, conector adversativo, as mulheres usaram o item em mais ocorrências, 59%.

Outro fator relevante, nessa análise social, é que a faixa etária > 40 anos fez uso mais vezes do **agora** enquanto conector adversativo, reforçando a tese de que o item linguístico **agora** encontra-se em processo de Gramaticalização há muitas décadas, quiçá séculos. Assim, o item em estudo já deveria estar entre as conjunções na tradição gramatical.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que o item **agora**, nesse *corpus*, permeia algumas vezes por classes além do advérbio. Dialogando com Neves (2006), ele parte do mais concreto – advérbio de tempo – como observamos para, depois de sofrer o processo de Gramaticalização, especialmente referindo-nos ao arranjo linear ESPAÇO > TEMPO > TEXTO, ser encontrado, nas amostras fala do *corpus* PPVC, especialmente sob a forma de conector e introdutor discursivo, forma/função abstrata.

Dessa forma, em um processo de abstratização, o item **agora** chega a integrar a classe das conjunções propriamente dita, que, segundo Cunha (1986, p.289), “servem para relacionar duas orações”.

A ampliação do escopo temporal já demonstra o afastamento da forma prototípica conforme uso no português arcaico. O que traz ao item uma infinidade de possibilidades chegando a ser utilizado, pelo falante, em outras categorias.

Considerando o princípio de persistência, no qual “à permanência de vestígios do significado lexical original, muitas vezes refletido em restrições sobre o comportamento gramatical do item” (NEVES, 2001, p. 125), concluímos que a preservação de traços do advérbio de tempo é perceptível na função introdutora do discurso como em (34) INF: Resolveu. **Agora** assim, dia *trêspro* dia oito, até o dia *três* pro dia oito vai ligar. (E.S.B. 45 anos, mulher).

A informante responde um questionamento da entrevistadora como uma resposta positiva. Porém, ao introduzir o próximo tópico com o **agora** [função + introdutor discursivo] podemos perceber que a marca temporal está ali presente indicando que a resolução será num tempo próximo ao do discurso.

Dessa forma, embora o item não apresente mais apenas o valor de presente, afirmamos que o valor de presente continua, persiste. Entretanto outros valores são a eles agregados.

Já enquanto função + conector, não há qualquer vestígio do prototípico adverbial. A função é puramente adversativa, como em (25) INF: *Num* gosto não... *num* gosto não... assim eu sei dá química em cabelo assim, produto, assim pintar, relaxar, **agora** pra escovar eu *num* gosto não. (E.S.P. 38 anos, mulher).

A informante revela que gosta de realizar atividades diversas no salão de beleza, mas de escovar cabelos ela não gosta, estabelecendo uma relação de oposição típica.

Por fim, reforçamos que cientes de que no momento da oralidade, o falante está menos monitorado, observando os resultados da amostra investigada e recordando o protótipo do item **agora** sendo ele em sua função mais concreta um advérbio de tempo, podemos afirmar que esse item em análise está gramaticalizado, passou de uma função gramatical concreta para outras abstratas ficando distante, em grande parte das ocorrências, do seu sentido original.

Evidenciamos que tal *corpus* é uma pequena contribuição para a enorme quantidade e qualidade dos estudos que tem esse item como objeto de estudo sob a perspectiva do processo de Gramaticalização e, acrescentamos que a análise em *corpora* do português culto de Vitória da Conquista e rural da nossa região torna-se necessária para a ampliação das conclusões.

Apesar de não termos levantado a discussão nesse estudo, ousamos salientar que a questão da prosódia é fundamental na interpretação de certas ocorrências. Tendo em vista que o tom e a entonação registrados na realização do item serão essenciais para a percepção de outras classificações e trabalhos futuros que avancem em tal perspectiva.

5 REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução Alfredo Bosi. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALI, M. S. *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Editora Universidade de Brasília, 1964.

AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da língua portuguesa*. Editora , 5 ed., 1964.

ARNAULD. A; LANCELOT, C. *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal*. Genève: Slatkine, 1980.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

_____. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BARROS, João de, 1496-1570. *Grammatica da lingua portuguesa* / [João de Barros]. - Olyssipone : apud Lodouicum Rotorigi[u], Typographum, 1540. - 60 f. ; 4º (20 cm). (Obtida da Biblioteca Nacional Digital de Portugal). Disponível em: < http://www.iel.unicamp.br/biblioteca/gramaticaindex.php?fg=arquivos/Joao_de_Barros.pdf&mn=gramatica5menu.php>. Acesso em maio de 2013.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade*. Alfa Revista de Linguística v. 47, n. 1 (2003). Disponível em: < <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4232/0>>. Acesso em setembro de 2013.

BIZZOCCHI, Aldo. *Por uma distinção fundamental entre etimologia e lexicogênese e suas repercussões na organização macro e microestrutural dos dicionários etimológicos*. Publicado nos *Cadernos de Estudos e Pesquisas UNIP – Série Estudos e Pesquisas*, Ano II, n.º 1-007/96, novembro de 1996. Disponível em:< <http://www.aldobizzocchi.com.br/artigo23.asp>>. Acesso em setembro de 2013.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v. Versão digital disponível em: < <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>. Acesso em junho de 2013.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CARNEIRO, Noêmia. *Lições de Português*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.

CASTILHO, Ataliba T de. (Org.) *Gramática do Português falado. Vol. I*. Campinas: Editora da Unicamp / FAPESP, 1991.

_____. (Org.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2008.

- _____. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Ed. Contexto, 2010.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Império Novo Milênio, 2011.
- CRUZ, Antônio da. *Prontuário de Análise Gramatical e Lógica*. 2. Petrópolis: Vozes, 1948.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CUNHA, Angélica Furtado. *Funcionalismo*. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.) et al. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CUNHA, Celso. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: FAE, 1976.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª ed., 1985.
- DUQUE, Paulo Henrique. *O elemento agora, sob o enfoque da gramaticalização*. Rio de Janeiro: URFJ, Fac. de Letras, 2002. 139 fl. Mimeo. Dissertação de Mestrado.
- ELIA, Sílvio. *Sociolinguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Padrão, 1987.
- FARIA, Ernesto. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.
- FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1913. Obra em PDF
- FREITAS, Regina Célia Pereira Werneck de. *O léxico gramatical e sua semântica na Gramática da linguagem portuguesa de Fernão de Oliveira*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno07-13.html>>. Acesso em setembro de 2013.
- FURLAN, Mauri. *Apresentação a Diálogo em lovvor da nossa lingvagem, de João de Barros*. In: *Clássicos da Teoria da Tradução. Antologia bilíngüe, vol. 4, Renascimento*. Florianópolis: NUPLITT, 2006. (p. 209). Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores//Mauri_Furlan_-_Apresentacao_a_Dialogo_em_lovvor_da_nossa_lingvagem_de_Joao_de_Barro.pdf>. Acesso em julho de 2013.
- GONÇALVES, S. C. L. et al. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.
- GUINSBURG, Jacó. *O Curso Linguístico de Praga*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- GRANDGENT, C. H. *Introducción al Latin Vulgar*. Trad. Francisco de B. Moll. Madrid: Publicaciones de la Revista de Filología Española, 1952.
- GRYNER, Helena. *A emergência das construções contrastivas introduzidas por agora*. In: _____ Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

HOAUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: objetiva, 2009.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 1993

ILARI, Rodolfo. (Org.) *Gramática do Português Falado. Vol. II*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

KRISTEVA, Julia. *História da Linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1969.

KURY, Adriano da Gama. *Pequena gramática para explicação da nova nomenclatura gramatical*. 9.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

LARA, L. F. *Sociolinguística dei dictionario dei espanol de México, international Journal of the Sociology of Language* (Berlin), n.96, p.19-34, 1992.

LYONS, John et al. *New Horizons in linguistics 2*. Great Britain: Penguin Books, 1987.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial confluência. 2ª edição. 1967.

MARANDOLA JR., Eduardo; GALLO, Priscila Marchiori Dal. *Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. VI Encontro Nacional sobre Migrações. Belo Horizonte, 2009. Sessão 2: Migrações internas e internacionais: dimensões, dinâmicas, conexões prováveis e avanços teóricos*. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/6EncNacSobreMigracoes/ST3/Marandola_2.pdf>. Acesso em setembro de 2013.

MONTEIRO, Clóvis. *Português da Europa e Português da América*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Como as palavras se organizam em classes*. Portal da Língua Portuguesa. Museu da Língua Portuguesa, p.01–19, 2006. Disponível em: <http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_11.pdf>. Acesso maio de 2013.

OLIVEIRA, Fernão, 1507-ca 1581. *Grammatica da lingoagem portuguesa* / [Fernão Doliueira]. - Em Lixboa : e[m] casa d' Germão Galharde, 27 Ianeyro 1536. - [38] f. ; 4º (20 cm). Disponível em: <<http://purl.pt/369/1/ficha-obra-gramatica.html>>. Acesso em 2013.

PERINI, Mário A. *Para uma nova gramática do Português*. 10 ed. São Paulo: Ática, 2000.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira* por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832. Versão digital disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/diccionario/3/agora>>.

REGO, Lana Mara Rodrigues. *O funcionalismo e a formação do aluno de letras: revisitando o signo linguístico de Saussure*. In: _____. *Formação em letras e pesquisa em linguagem*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.

ROCHA LIMA, Carlos H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

RODRIGUES, Fernanda Costa Demier. *Padrões de uso e gramaticalização de agora e então*. 309 f.; 2 v. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2009.

Disponível em: <

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select_action=&co_obra=148767>. Acesso em julho de 2012.

_____. *Prototipicidade e estabilidade funcional de agora*. 128 f. Dissertação (Mestrado). Niterói: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2002. Mimeo.

_____. *O termo agora prototipicidade e funcionalidade*.

Disponível em: < <http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno09-08.html>>. Acesso em julho de 2012.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 12ª Ed, [1916]1988.

SEVERO, Cristine Gorski. *O estudo da linguagem em seu contexto social: um diálogo entre Bakhtin e Labov*. *DELTA* [online]. 2009, vol.25, n.2, pp. 267-283. ISSN 0102-4450.

Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0102-44502009000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em julho de 2013.

SILVA, Antonio Moraes. *Diccionario da lingua portugueza - recopilado dos vocabulários impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Versão digital disponível em: < <http://www.brasiliana.usp.br/en/diccionario/2/agora>>.

SILVA, Elane Calmon. *A Gramaticalização do item agora no português brasileiro*. Belo Horizonte: Ufmg, 2010. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <

http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/LETR-8TBSBA/gramaticaliza_o_do_item_agora_no_portugu_s_brasileiro.pdf?sequence=1>. Acesso em julho de 2011.

SILVA, Jorge Augusto Alves da. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do estado da Bahia*, Ano de obtenção: 2005. Mimeo.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e.; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (organizadores). *O Português quinhentista : estudos linguísticos*. Salvador: EDUFBA ; Feira de Santana : UEFS, 2002. Disponível: <

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/131/1/O%20Portugues%20quinhentista.pdf>>. Acesso em setembro de 2013.

SOUSA, Valéria Viana. *OS (DES)CAMINHOS DO VOCÊ: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você*. Tese de doutorado.

Disponível em:< <http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/images/pdf/Valeria.pdf>>. Acesso em setembro de 2013.

TAVARES, M. A. (2003). Sociofuncionalismo: refletindo sobre um casamento teórico. In: _____. *A gramaticalização de 'e', 'ai', 'dai' e 'então': estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo*

sociofuncionalista. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, Brasil. (Tese de Doutorado).

TEIXEIRA, Zenaide Dias. *Propriedades sintáticas e semânticas dos advérbios em português*. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. Curitiba, 2011.

VAANANEN, Veikko. *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Gredos, 1967.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

ANEXOS

ENTREVISTA TRANSCRITA

Corpus de Português Popular de Vitória da Conquista Grupo de Pesquisa em
Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq

NOME: (E.F.O)

SEXO: Masculino

NASCIMENTO: 16/ 04/ 1941

IDADE: 72 anos

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: 4ª série

PROFISSÃO: Barbeiro

VIAGENS PARA FORA: Sim

DOC: Eh... me fala como foi sua infância, quando você era criança, o que o senhô fazia, como eram as brincadeiras, onde o senhô vivia?

INF: As brincadêra... brincava de *cuiãozim* queimado, era de lá em Jos... lá em José Gonçalves é *cuiãozim* queimado era... era brincarra de polícia quando era mais pequeno brincarra numa fazenda aí brincarra pegarra aqueles osso saía nas manga brincando que era... que era os boizim as vez' a mãe chamava pra almoçá: " Vem comê menino senão os ôto come tudo." {risos} Era... era assim.

DOC: E o senhô tinha irmãos? Como é que era?

INF: Eu tenho... mas eu tenho... fora eu tenho mais quinze irmão.

DOC: E aí brincava todo mundo junto.

INF: Quase todo mundo {INIT} a metade brincava que brinquedo {INIT} era quas' tudo d'uma idade só... era de dois em dois ano nascia um e era... era escadinha

DOC: {risos} E... ah... o senhô acha que as brincadeiras de hoje são muito diferentes da...

INF: Que nada!

DOC: ...do seu tempo?

INF: As brincadêra... as brincadêra de antigamente era umas brincadeira muito... muito boa, saudável ninguém brigava, hoje nem brincadeira tem mais hoje essas brincadeira são tudo diferente

DOC: Todo mundo fica dentro de casa, né? Ninguém brinca mais na rua

INF: Exatamente é naquele temp' não... naquele tempo a mãe...a mãe saía os... os fi ia lá po.. lá pos quintal lá me... *ajuntá* com aquela... a ôta turma demenin'... demenin' lá da idade da gente...brincava o dia todim num brigava nada... nada disso acontecia

*DOC:Hum...*E onde o senhô morava quando era criança? Como era?

INF: Onde eu morava... eu...eu... eu ia... quando eu... quando eu cheguei lá pa Zé Gonçalves ... quando eu saí daí... eu nem *alembro* quando eu saí de pipiri agora quando eu cheguei lá pra Zé Gonçalve eu já tava de nove pra dez ano de idade então meu pai tinha uma olaria muito grande aí botava a turma os mais pequeno pa pegá um bolozim de barro pa fazê *têa*...

DOC:Humrum...

INF: ...igual formiga os mais pequeno pegava o bolinho pequeno, os maió pegava o bolão grande... era assim... a vida era essa

DOC:Hum... o senhô começou a trabalhar cedo?

INF: ... até... até muito tempo... Hã?

DOC: O senhô começou a trabalhá cedo?

INF: Ah, sim... comecei a trabalhá eu não tinha nem... eu num tinha nem oito ano... nem oito ano de idade na época...

DOC: Hum...

INF: ...e até hoje continuo trabalhando, tô com setenta {INIT} e tant'... setenta e tantos ano e continuo trabalhando todos os dias

DOC: E o senhô chegou a estudá... alguma coisa?

INF: Estudei até... a esco... até escola naquele tempo era tão difícil pra gente, certo?

DOC:Humrum...

INF: Então os pais não interessava botá a gente na escola o negócio [*anhm...*] a escola nossa era trabalhá então pelo esforço meu eu estudei até o quarto ano ainda, né, naque... daquela época

DOC:Humrum...

INF: que a professora era... era... era vingativa fazia o ca... a pessoa estudá mesmo ou estudava ou caia no bolo era assim e se chegasse mei-dia num desse a lição então ficava preso só soltava uma hora da tarde todos os dias era assim

DOC: Todos os dias... O senhô já ficô de castigo?

INF: Eu não que eu era sabido

DOC: {risos} E os seus irmãos tiveram oportunidade de estudá também?

INF: Também não nenhum só um que te... que... que estudô um pôquim também... um dia tava estudando lá, só porque a professora falô assim... que tinha um buraco na porta a professora... a professo... a professora velha aí ficava

DOC: Humrum...

INF: Naquele tempo era muito castigo, né?

DOC: Humrum...

INF: Aí ficava de olho botava o... o... o mais sabid' pra prestar atenção, se brigasse na hora que ela chegasse que falasse, né? Aí... ali levava bolo

DOC: Hum...

INF: Na época da palmatória, né?

DOC: Humrum...

INF: Aí eu matriculei um irmão meu levei um irmão lá pa matriculá nessa... lá nessa escola {ININT} um janelão, tá lá até hoje ainda, né? Que hoje lá em Zé Gonçalves é um prédio escolar, né, foi ali que estudei, né, então só porque a professora reclamou ele... ele saltou a janela...

DOC: Ixe!

INF: ...com esse livro na mão até *ônte*

DOC: {risos}

INF: {risos}... não apareceu lá mais... lá mais nunca meus irmão num estudaro não ninguém

DOC: Mas eles moram aqui em Conquista também?

INF: Como?

DOC: Eles moram aqui em Conquista ?

INF: Ah... já morreu um *mucado* só tem {INIT} meus irmão já morreu quas' tudo só tem... só tem seis irmão só um *eh...* um mora aqui que é eu um... uma irmã da mais véa que tá com oitenta e dois ano que mora ali no... nas Pedrinha e tem ôto irmão lá em Zé Gonçalves e uma irmã lá em Zé Gonçalves que é caçula e tá com sessenta e pôcos ano

DOC: Humrum... E o que você acha daqui de Conquista, você gosta de morar aqui?

INF: Ah... eu pa... eu...eu pa... eu praticamente eu... eu... eu cabei de me criar aqui... que aqui é...é... aqui é aonde eu trabalho aonde eu moro aonde eu vivo é aqui

DOC: Humrum...

INF: É da renda daqui, né?

DOC: O senhô começou... veio pra morar aqui com quantos anos?

INF: Ah... quando eu cheguei pa'qui tinha uma base dum dezessete ano, dezesseis pa dezessete anos

DOC: Veio a trabalho...

INF: A trabalho

DOC: ... ou tinha parente?

INF: Eu cheguei já... eu trabalho de barbeiro desde... desde de idade de dezesseis anos

DOC: Hum...

INF: Aí cheguei pra'qui fui trabalhá num salão de Conquista aí trabalêi uns tempo aí uns três ano depois fui pa outro salãozinho alguns tempo depois eu fui pra *Sum* Paulo, fiquei lá um *mucad'* de tempo lá, voltei de novo, fui pra José Gonçalves de lá vim pra'qui, já tô com quarenta ano que vai fazer agora *ni*... agora *ni* ôtubro faz quarenta ano que {INIT} eu tô trabalhando aqui *dejunto* mercadão, só numa área só

DOC: Humrum... E como... quando o senhô foi... morô em São Paulo como foi morar lá?

INF: Não eu fui a trabai também naquela...naquela época... que naquela época aqui era muito parado, né?

DOC: Humrum...

INF: Eu fui lá pra vê se eu arrumava uma *vidazinha* melhó, né, lá eu arrumei uma colocação lá, trabaêi lá solteiro aí... aí passô uns... um... passei uns ano lá depois vim embora aí com pôcos tempo aí arrumei uma namorada aí casei

DOC: Humrum...

INF: e graças a Deus vivo com ela até hoj'

DOC: Hum...

INF: Né?

DOC: Humrum... {risos}

INF: Tá com trinta e tantos ano trinta e três anos

DOC: E como foi que o senhô conheceu {INIT}?

INF: Eu conheci aqui em Conquista [é daqui] de Conquista

DOC: Humrum... Mas foi em alguma festa, alguma coisa?

INF: Não, aqui mesmo {INIT} é [que] nessa época eu trabalha aqui ela estudava

DOC:Humrum...

INF: E... e nós conheceu aí Deus ajudô que... namorava namoro de... de adolescente, sabe {INIT} como é que é, né?...

DOC: Sei

INF: É um de lá um de cá *eh...* né?

DOC: {risos}

INF: e va... vai até que... até que enfim um dia deu certo a gente casar, né, que tem... tenho um casal de fí graças a Deus que eu num tenho nada o que falá deles até hoje não sei da'manhã em diante, né, e nós tá vivend' até hoje

DOC: E seus filhos moram aqui em Conquista também?

INF: Moram aqui em Conquista

DOC:Hum...

INF: Uma...uma mora lá ni... é porque...porque {INIT} eu esqueci o nome do lugá ali que... que vai lá pro pé inchado... [é] incostad' na serrana a minha menina [que mora lá] ela é professora ela ensina dois turno

DOC: Hum...

INF: E tem o menino que ele trabalha ni {ININT} é de pintor então parô esse trabai que o rapaz lá num... não aguentava pagá... [hoje] ele trabalha no supermercad' Santo Antônio lá na... um...um...um... um que abriu agora, lá na Olívia Flores {ININT}, ele lá

DOC:Ah... tá... sei onde é que é

INF: Pois é

DOC:Eh... e o senhô tem neto?

INF: Eu?

DOC:Anhmram...

INF: Eu tenho... 'xo 'vê...tem... [meu] menino arrumô uma mulher aí a... arrumo du... duas filha, uma tá com... já vai fazer parece... {INIT} já fez dezessete anos, a ôta vai fazer *catoze* ou quinze

DOC:Humrum...

INF: Depois se... se largaro aí ela casô com ôto... *ajuntô* com ôto rapaz, ele... ele *ajuntô* com ôta mulhé já têm um casalzinho um menino e uma menina

DOC: Hum...

INF: A menina já tá de... já tá com cinco ano e amenin... e o... o... o menino tá com... vai fazê quato mês

DOC:Hum... Então cê tem três netos?

INF: Tem ci... eu tem... eu tem cinco... é mais! 'xô'vê... tem dois de pa... tem dois da... da minha menina... dois da minha menina e quatro do meu menino

DOC:Hum...

INF: São três mulher e um *home* e a de cá {INIT} da minha menina é um casal... tem seis... seis netos é quato neta e dois neto

DOC:Ham... Larissa ela morava aqui as vezes... ela... ela é sua neta também?

INF: É minha neta

DOC:Ham...

INF: Essa... essa mesma que eu tô falando que já... que já... já completô dezessete ano de idade

DOC:Ah... tá... quando eu era pequena, eu brincava muito com ela

INF: Exatamente é Larissa e *Livinha* tá tudo em São Paulo todas duas

DOC: Lá elas moram com a mãe?

INF: Com a mãe, mora com a mãe

DOC:Hum... entendi. O que que você acha que... aqui da... das pessoas de Conquista?

INF: Eu acho muito... é {INIT}... é muito boa as pessoas muito... muito *sevidô*, né?

DOC:Humrum...

INF: E... e pa... pa... pessoa que num é... que não é ruim nada ruim acontece com ele, né, e então a gente vai... vai levando a vida assim, né, tratando os ôto com mal respeito, igual as pessoa *tata* a gente, né, e a vida vai passando assim graças a Deus num tenho nada que falá daqui de Conquista de ruim não, só tem que falar de bom... né não?

DOC: E os vizinhos o senhô gosta?

INF: Os vizinho aqui é... é... é de bom que... que tem uns que eu nem conheço direito... que... que ninguém perturba ninguém, né?

DOC: É verdade

INF: Cada qual no seu aí, né, e graças a Deus... nessa rua aqui de ponta a ponta os vizinho é tudo é maravilhoso pra mim é ma... é tudo maravilhoso

DOC:Humrum...

INF: Né?

DOC:Eh... E o senhô costumava a... a ir a São João... a participar de... das festas de São João?

INF:Ah... demais na época eu trabalhava aqui, era solteiro ainda, eu tava com... com vinte e tanto... quas' trinta ano já de idade que... que... que eu já casei... que eu casei duas vez, casei a primeira vez não... num deu certo

DOC:Humrum...

INF: Então eu vivi com uma mulher oito ano e voltei casar com essa que... que eu... antigamente já namorava com ela... hum... antes desde de novinha, né?

DOC:Humrum...

INF: Eu era novo também na época, né, então aconteceu que eu casei com a outra, ela veio no meu casamento, essa da... essa que é minha mulher hoje

DOC:Humrum...

*INF: Dançou a noite todinha e resultando eu num... eu... eu separand' da ôta *devorciei* e voltei casando com a... com a primeira namorada que eu tinha, né?*

{ Interrupção do informante cumprimentando o neto }

INF: E hoje a gente vive assim

DOC:Hum... E o senhô se lembra assim como é que eram as festas de São João?

INF:Ah... as festa de São João era boa demais quando sim [que nem eu ia falando] quando era assim base de... a gente trabalhava já tinha os colega certo com o carro certo {ININT}, aí, chegava em casa {INIT} tomá... tomá um banho trocá de rôpa e fundá pa's caatinga aí pra roça Zé Gonçalves pra lá adiante... a gente manhecia o dia, tinha dia que ficava dois dias de festa aí rolando aí né?

DOC:Humrum...

INF: {ININT} migavelmente aí, ninguém... ninguém discutia com ninguém... tudo... tudo amigo e a vida era assim...

DOC: As festas era bem diferentes das...

INF: É diferente demais

DOC: ...das de hoje, né?

INF: É. Hoje eu não sai nem... eu...do meu trabalho pra dentro de casa, nem na... nem na rua eu sai... fazê... ah... fazê o que? Procurá as coisa que eu num guardei, né?

DOC:Humrum...

INF: Entã... então fico *dento* de casa mesmo... {ININT} tomo meu banho janto no ôto dia cedim tomo meu café, vou pro serviço, tem vez que meio-dia eu vem almoçar aqui, tem vez que eu não venho

DOC:Hum...

INF: Então quando é cinco hora seis hora quatro e meia quatro hora eu chego em casa todos os dia

DOC: E como foi que o senhô *eh...* começô a ser barbeiro? O senhô chegô a trabalhar com ôtra coisa antes?

INF: Não o que eu trabaiarra era... era *ni* olaria, que eu acabei de lhe falar *nestante* aí, né?

DOC:Humrum... humrum...

INF: Depois comecei... meus irmão tinha uma barbearia lá em Zé Gonçalves me botô lá [por] reservado *ni* um banco, eu comecei lá a fazer a barba dos cara lá, assim mei'*ranhano* cortando e fui... fui levando a vida até fui tomando gosto com a profissão então graça a Deus tô até hoje

DOC:Hum...

INF: Eu tenho cinquenta e *quato* ano de profissão

DOC: Muito tempo

INF: Um *mucad'* de ano

DOC: E como era seus pais assim... como ele... como foi a sua criação com a de seus irmãos?

INF: Como o que?

DOC: Como era seus pais? *Eh...*

INF: Sobre o que?

DOC: A... a... como era a sua relação com seus pais?

INF: As convivência

DOC: É, a... a convivência

INF: *Ah...* me... meu pai era o seguinte... eu não, mas de... de mim pra trás dos ôto filho, aí, quando ele tava conver... quando ele tava conversando mais um amigo dele ou com um pai {ININT} ou [*cumade*] lá na sala lá, ninguém *trevessava*, se... se uma pessoa *trevessasse* na frente, ele passava um rabo de olho, certo?

DOC:Humrum...

INF: Então não falava nada então quando o povo ia embora aí chamava o filho atenção e metia o *rei* era... era um pneu dessa grossura assim, oh { *informante faz gesto com a mão*}...

DOC: {risos}

INF: ...aí, quando ele pegava um dos filho... minha mãe vestia um... aquele... aquele vestido *robe*...

DOC:Hum...

INF: ... minha mãe era forte é... era com noventa e tantos kilo na época, então minha mãe, aí... aí, os filho... eu *num* apanhei não, mas os ôto... os ôto apanharam muito, aí... aí {ININT} minha mãe tapava, ela com aquele vestido, então, as *cunhalzada* pegava tudo no vestido dela pra salvar o filho

DOC:Hum...

INF: Era assim mas depois de... de... depois de uns tempo, os filho foi... foi... foi crescenho o velhinho foi... foi ficando mais velho então os filho tomô conta

DOC: Humrum...

INF: Quando ele ia pra rua ele trabaiava fora quando ele ia... ele ia pra rua tomá uma *pinguinha* que... que... que começava conversá mandava chamá um dos irmão...

DOC:Humrum...

INF: ... os irmão chama... chama... chamava o ôto ia dois irmão ou três che... chegava lá pegava o véizim um seguro na perna botava no ombro e levava pra [*dento* de casa] {INIT} num saía mais...

DOC: {risos}

INF: ...era assim a vida era essa

DOC: O senhô assiste novela, jornal?

INF: *Ah...* o jornal eu assisto agora novela eu *num* assist' não

DOC: Só jornal mesmo

INF: Deus me livre... essa... essa... essas novela de hoje {ININT} antigamente passava novela boa, hoje... hoje... anti... antigamente as mulher [*quêmava* panela] mas hoje...

DOC: {risos}

INF: ... agora eu gost' mais de assistí o jornal agora assim o jornal eu assisto todo... todas as no... quas' todas as noite quando eu tô em casa

DOC:Hum... E o senhô costuma ir à igreja?

INF: Não *num* vô não eu sou católico mas pra mim ir na igreja só passo na porta mas pra mim ir é raridade

DOC: {risos}

INF: É... é... é difíci' eu ir na igreja

DOC: Mas antes o senhô ia ou parô agora?

INF: Eu ia muito quando eu era novinho... eu ia muito depois nem tempo a gent' tem de ir pra num tem... pela idade da gente, né?

DOC: *Humrum...*

INF: A pessoa não tem nem mais vontade de sair mais, né, pa... pa ir a igreja

DOC: *Eh...* quando o senhô era mais novo, o que o senhô mais gostava de fazê?

INF: Sobre o que?

DOC: Qualquer coisa quando o senhô não tava trabalhando o que o senhô gostava de fazê assim pra ficá em casa ou gostava de sair?

INF: Gostava de sair, divirtiamais aquela turma ali, demo... demorava um tempo, ia... ia pra rua {ININT}, as vez' tinha... tinha algum baile e pa a gente sair tinha que adulé a véa e o véi

DOC: {risos}

INF: Se podia sair então eles dava a ordem falava assim: "Vai mas nove hora tem que tá em casa." Se não chegasse nove hora aí... aí... aí agora a barba crescia

DOC: {risos}

INF: O cara é capaz de apanhá, né, e a vida era essa até a gente vai ficando de... de certa idade pronto... aí, foi... foi... o vê... o véi foi relaxando, ninguém *portô* mais

DOC: *Hum...Eh...* o senhô... costumava viajá ou o senhô... o senhô só foi à São Paulo?

INF: Não, só fui a São Paulo, *num* gostava de viajá não... de vez em quando que eu vô mais meu genro aí... as vez' me... me... me... as vez' me chama pra ir numa... *ni* uma praia, viaja na casa de um... de um... de um parent' da gente...

DOC: *Hum...*

INF: ... lá em Minas eu já fui Salvador já fui umas... umas três vez'... como é que chama o lugar que nó foi lá, [George]?...

CIRC: [Governador Valadares]?

DOC: Na praia... na praia moço

CIRC: Olivença

INF: Nós já foi em Olivença já fui em Salvador agora quando eu tava em São Paulo de vez em quando eu ia em Santos

*DOC:*Hum...

INF: na praia eu gostava muito de... gostava muito de futebol, gostava não, gosto até hoje

DOC: O senhô torce pra algum time?

INF: Pro Flamengo

*DOC:*Hum... E qual foi a viagem que o senhô mais gostô?

INF: A que eu gostei mais foi... foi de visitá uma irmã minha que tinha vinte e cinco ano que eu tinha visto ela, né?

*DOC:*Humrum...

INF: Que pra mim foi a maior alegria da minha vida e a ôta lá na praia que [a gente] pa... pa... pa... passou uns quatro dia lá uma... uma vida boa danada, né?

DOC: {risos}

INF: {ININT} [que *adurô*] pôco também

*DOC:*Hum... verdade... *eh*... o que o senhô gostava mais na escola?

INF: Hum?

DOC: Quando o senhô... *eh*... estudava o que o senhô mais gostava na escola? As professoras, as atividades, as tarefas que ela passava

INF: As tarefa que ela passava... as tarefa muito boa que ela passava pra' gente, então, {ININT} naquel'... naquel' tempo era abc estudava abc tôdim ali, agora *abiu*... a professora abriu... abriu um buraquinho assimnum... num papel e colocava em cima das letra pros aluno não sabe que letra era aquela, né?

*DOC:*Hum... *humrum*...

INF: E era... era assim que nós tinha que continuá {*televisão*}

DOC: O senhô costuma assisti mui... muito jogo de futebol?

INF: Assistio eu gosto de assistí muito... assisto assim pe... pela televisão que eu não gosto muito de... antigamente ia no campo mas e... mas eu num fui mais *ni* campo... assistia muito... muito [jogo] lá em São Paulo fui várias vez'

DOC: E como era ir ao estádio?

INF: Hã?

DOC: Como era ir ao estádio, era bom?

INF: Era bom demais, porque o seguinte o... o campo que nós... que nós ia já tinha o dono do carro já tinha os companheiro certo era *quato* cinco... assistia o jogo, depois voltava tudo em paz pra casa vinha entregá de casa em casa toda... quas' toda semana era assim

DOC: Num... num tinha muita gente, num era... num era violento não?

INF: Não naquela época não... violento tá hoje... hoje... hoje que tá uma... uma violência triste hoje... hoje se a pessoa pisar no pé da pessoa, a pessoa que tem que pedí desculpa pra ele, né?

DOC: *Humrum...*

INF: Pa evitá muitas coisa

DOC: Quê que vo... o... o senhô acha que precisa mudá aqui em Conquista? O que que você acha que o prefeito poderia fazer e não faz?

INF: Aqui... aqui em Conquista tem tanta coisa que o prefeito devia fazê aqui e não faz principalmente ajudá pelo governo essa água que nós... nós tá precisando, né?

DOC: *Humrum...*

INF: Porque tem água aí quand'... quando chove nós tem água quando *num* tem a maioria passa aperto principalmente esse povo da roça, né?

DOC: *Humrum...*

INF: Que num... que num bebe água, bebe é lama, né, quando acha quando *num* acha né?

DOC: *Humrum...*

INF: Fazê o que? Então, eles futuca aí pa puxá essa água nunca puxô até hoje o povo tá esperan' a vontad' deles, né?

DOC: Onde o senhô morava quando era mais novo, *eh...* tinha muita água, ou já teve momentos de seca?

INF: *Ah...* {INIT} naquela... naquela época nunca... se faltava água... na cidade aqui faltava água, cê sabe como?

DOC: *Hum...*

INF: Porque naquela época aqui tinha o poço escuro.

DOC: *Hum...*

INF: então tinha... tinha uns cara com muito animal com uns *carote* de água agora saía de casa em casa vendendo aquela água, né?

DOC:Humrum...

INF: Porque naquela época num... num tinha... num tinha água encanada da embasa, num tinha água em lugar nenhum só tinha mesmo era no poço escuro então {ININT} vendê aqueles {INIT} balde de água que nem vendia leite a... a... a mesma coisa os balde de água lá, né, era... era balde grande assim {informante faz gesto com a mão} balde de vinte lito

DOC:Hum...

INF: Os povo comprava, os... os... os que num podia ir lá pegá água, né?...

DOC:Humrum...

INF: ... comprava e os... os que não comprava, ia lá pegá sua lata d'água lá sua carroça de água e... e vinha embora era assim

DOC:Hum... E o senhô acha aqui em Conquista violento?

INF: Aqui... aqui tá... aqui é... é violento até demais... até demais, que de vinte anos pra cá a coisa mudô tudo antigamente cê podia sair.. sair na rua em qualquer hora do dia ou da noite, hoje cê não pode sair pra lugar nenhum, é um...é um... é uma... é uma coisa fora de sério

DOC: O senhô já foi assaltado...

INF: Eu? Várias vez'

DOC: ... ou já viu alguém?

INF: Várias vez' já fui roubado umas *quato* ou cinco vez' já... uma vez lá em cima eu tinha... eu tinha um bar comprei um som... um som grande botei lá na véspera da fogueira aí entrô três bandido tinha uma base de uma dez pessoa doze pessoa *dento* do bar lá e [metero] três revólveres

DOC: Vixe!

INF: Na cabeça do povo lá. e fez todo muito deitá lá, e minha mulher tava na sala mais meu menino, mais a namorada dele também tava rino e tinha mais uma... uma... tinha uma *entradazinha* da sala pra venda...

DOC: Humrum...

INF:... mas tava todo muito deitado ali eles robaro tudo ali eu dei graças a Deus ele não abrí a porta lá porque se entrasse lá, era pior, né, meu menino...

DOC: Porque o bar era na sua casa mesmo

INF: ... era na casa se meu menino entrasse lá que visse aquilo aí, podia até...

DOC: Alguém sair machucado

INF: ... matar alguém

DOC: E as ôtras vezes que o senhô foi rôbado foi... foi na rua, foi em casa?

INF: Não foi em porta de ônibus...

DOC: Porta de ônibus

INF: ... em porta de ônibus fui rôbado uma... umas três vez'. Uma vez eu ta... tava chovendo muito eu morava lá no Alto Maron corri pra pegá o ônibus pra... pra num perdê porque o ônibus era o Conquistense na época

*DOC:*Hum...

INF: Tem uns trinta e tantos ano atrás, aí quando eu cheguei lá primeiro eles me rôbaro na cartêra eu não vi eu compei da mesma cartêra botei no bolso eu já sabia que tinha uns ladrão lá [era] uma mulher e um homi pegaro eles depois, os dois, o casal

*DOC:*Hum...

INF: Aí naquele tumulto que eu... que eu... que eu fui entrando ali oh, um meteu a mão por... por trás assim ó {*Informante faz gesto com a mão*} e meteu a mão no bolso eu segurei aqui assim ó {*Informante faz gesto com a mão*} e a polícia bem encostada aí ó

*DOC:*Hum...

INF: ... aí, tomei a carteira da mão dele ele foi dento do ônibus aí eu falei pra turma lá: “Cuidado que esse cara é ladrão.”

DOC: Ixe!

INF: Na cara de... era um baixinho assim {*Informante faz gesto com a mão*} um galeguim...

*DOC:*Humrum...

INF: Um galeguim com uns quarenta e seis ano mais o meno de idade...

*DOC:*Hum...

INF: Ele baixô a cabeça, quando nós chegô no Alto Maron ele saltô do ônibus aí que ele ia lá... lá pra Nova Cidade

DOC: Hum...

INF: Aí salto ôto... ôtra vez foi... lá no salão na época eu pagava ci... *eh*... cinquenta reais por semana eu {INIT} tava juntando dinheiro logo quando saiu o plano real

*DOC:*Hum...

INF: Eu botei uma... umas *quato* nota de cinquenta e tinha uma *meninazinha* lá que varria o salão a gente ajudava ela dava comida todo mundo ajudava lá {ININT}, quando foi um dia lá

umas seis hora eu fechei a minha gaveta e tinha a ôta chave da mesma gaveta tava *ni* ôta gaveta

DOC:Hum

INF: {ININT} [tá sujeito] eu perdê aquela e a ôta fica de socorro, né, pa... pa mim pegá e abrí, né?

DOC:Humrum...

INF: Aí quando eu fui lá, comprá e negócio lá no... lá no bar, quando eu cheguei ela já tava lá no bar tinha um bar... um barzimo colado lá ela tomando um guaraná...

DOC:Hum...

INF: ... {ININT} também *num* liguei não ela foi embora e foi... isso foi... foi num dia de... num dia de sábado, aí, passô domingo, domingo eu num trabalho

DOC:Hum...

INF: Quando foi na segunda-feira, quando eu abri a gaveta... num tinha um *mireis* tinha levado tudo

DOC: [Ixe!]

INF: Aí quand' eu desconfiei que foi ela então eu falei com um sargento aqui, que mora no bairro Guarani

DOC:Hum...

INF: Jerry hoje ele é... hoje ele é tenente, {ININT} [ele falou assim: "Quer que eu vô com você?" Eu falei assim]: "Não eu vou lá vê primeiro lá, pra sabe como é que é, depois eu telefono pra você."

DOC:Humrum...

INF: Ele me deu um cartão e falou assim: "Qualquer coisa cê me... me liga mediatamente que eu chego lá rapidamente com a polícia. Aí cheguei {INIT} encontrei a menina eu tenho um sobrinho que mora lá *cercaro* ela lá a mãe já tava na fêra mais o pai tudo era ladrão..."

DOC: Ixe!

INF: ... aí {INIT}... aí... aí nós ficô ela tava com dez real no bolso ela confessô, né?

DOC:Humrum...

INF: ... eu tomei dez real que tava no bolso do *shortizinho* dela, eu tomei dez real, aí, tinha...tinha... ela tinha comprado umas três bola, disse que era um *aneversário* dela... comprô umas três bola uma bicicleta... uma bicicleta que eu tomei também {ININT}. Uma menina de um... de uns dez pra onze ano na... dez pa onze ano

DOC: Ah... é novinha

INF: ... aí quando mais tarde tava assim aquela multidão de gente assim ó {Informante faz gesto com a mão} a redor da casa sobrim meu irmão e tudo lá... pôca hora já vem o pai com cada sacola quando desceu do ônibus cada sacacola de fêra tudo do meu dinheiro, aí, cheguei e falei com ela falei assim: “cadê... eu tô com sua fia aquela ladronazinha que me robô tanto”... assim... assim... assim... e ôta... e ôta coisa eu numtroxe a polícia não, mas eu... é só chegá ali e ligá {ININT}, que é pa... que é pa levá ela num vai não que é de menor, mas... mas vocês dois vai...

DOC: Hum...

INF: ... essa mulher ‘joelhô no...no meus pés chorô igual uma criança aí pro... me pediu pelo amor de Deus aí ela confessô tudo...

DOC: Humrum...

INF: ...que tava com dinheiro que gastô tudo fez a fêra... eu falei assim: “Tudo bem, agora só tem uma coisa cê vai me pagá” disse que ia pagá por semana...

DOC: Hum...

*INF: ... esperei, ajeitei tudo quando foi a primeira semana, ela... ela me deu vinte e sumiu... depois fui lá na casa dela ela tava mais o marido a casa se você entrasse *dento* cê chorava seu coração cortava... um fogão véi de... de feito de barro com aquelas {ININT} de pau, um sofá véi todo *desbagaçado* dois cachorro véi dormindo em cima dois *tamboretinho* dess’ tamaninho assim ó {Informante faz gesto com a mão}. Aí, eu falei... chamei atenção, li o *ba ba* pra ela, contei tudo a verdade, né? ...*

DOC: Humrum...

INF: ... que ela tomasse cuidado da vida, que {ININT} aquela menina, desse um jeito nela... que eu... eu num queria um centavo dela mais, né?...

DOC: Humrum...

*INF: ... mas também não queria vê nem... nem a cara dela mais, *qundo* passô negócio duns três ano ó ela *dento* do ônibus que eu ia eu falei assim: “É tu *ladroninha!*” Quando eu falei assim moço, essa menina saltô da porta do ônibus igual foguete, [quando eu] ia saindo, desapareceu já tem... já tem não sei quantos ano não vi mais nunca na minha vida... nem sei se é viva mais... {ININT} [eles] não tinha condições de pa... de pa... de pagá não coitado agora [cê podia dizê] que era tudo ladrão, né?*

DOC: Humrum...

INF: ... aí o... o sargento chegô lá perguntô: “E aí {ININT} como é que foi o negócio lá?” aí eu contei a história aí começô foi rir

DOC: {risos}

INF: {risos}... mas Deus me de... me... me deu em *dobó* aquilo que eu perdi...

DOC: Verdade

INF: ... poucos dia na mesma semana Deus me deu em *dobó*

DOC:Humrum... E o senhô já teve algum parente que teve alguma doença séria?

INF: Bom doença séria?

DOC: É

INF: Já meu pai mesmo quando ele morreu morreu de... de... como é que chama aquela doença que a... a... de bronquite

DOC:Hum...

INF: Porque ele mexia muito com roça de arroz, né?...

DOC:Humrum...

INF:... na época... morreu de bon... morreu de bronquite e meus irmão tudo morreu com a... com a... *eh... eh...* com uma doença diferente, meu irmão mais velho [de] que eu dois ano, ele morreu com a... a *Schistosoma* {ININT} no fígado dele, foi pra Salvador pra operá, não pôde, foi operá aqui, não pôde, porque os médico {ININT} [que morria] em cima da mesa, né?

DOC:Humrum...

INF: Da mesa de operação só operava se... [consentimento] da família, a família... num deixô {ININT} ele ainda duro [um pôco] tempo ainda e depois morreu... assim, tudo com a... com a...

DOC:Hum...

INF: ... e ôto irmão meu aí, que eu... {ININT} que eu trabalhava com ele aqui, o Zé Fernand' morreu de trombose trombose na perna

DOC:Hum...

INF: Num... adu... adu... num *adurô* nem quinze dia não *adurô*

DOC: E o que você acha do Brasil assim o... o... o que você acha que precisa mudar no Brasil?

INF: O Brasil... o Brasil precisa de tanta coisa tanta mudança né não?

DOC:Humrum...

INF: Agora por enquanto inda tá bom porque o governo... o governo Lula foi pra mim eu... eu na... na minha idade... na minha idade que eu [entendi] por gente, que eu comecei a votá até hoje foi um dos *milhó* presidente que eu já vi foi Lula e nunca votei neles, né?

DOC:Humrum...

INF: Nunca... numa... numas coisa tá boa, ôtas coisa tá ruim mas a vida é assim mesmo, né, a coisa só melhora mesmo quando Deus manda é a chuva, né?

DOC:Humrum...

INF: E é dua... e nós só tem uma coisa porque Deus dá, né não?

DOC: Verdade

INF: [Que se] esperá pra presidente, prefeito, vereadô, esse... esse povo [assim] a pessoa num tem nada nunca, né, que eles faz primeira a vida deles lá, pra depois caçá um jeito de sol... de soltá um pouquinho aí, pra podê tapiá os... o... os eleitô pa podê pegá de... de ôta vez segurá, né?

DOC: E o senhô tá gostando de Dilma como presidente?

INF: Tá a mesma coisa de lula pra mim não tem nada o que falá pra mim tá bom demais, que ou bom ou ruim eu *num* posso dá jeito, né?

DOC:Humrum...

INF: {risos} Os velho num pode dá jeito tem que... nós tem que comê o que eles dé

DOC:Humrum...

INF: E aí por diante

DOC: O senhô tem o... tinha vontade de fazê faculdade, de estudá mais?

INF: Não, é porque é... é o que eu acabei de falá num tinha porque mas né por nada não... num tinha coragem de... eu num estudei mais parei até a quarta série por causa que numtinha condições, na época a gente era muito fraco os pais num importava com negócio de...

DOC: De escola

INF: ... de botá o... de botá os filho *ni* escola particulá, né, e aí, por diante, né, agora se eu fosse um cara que eu pu... se eu fosse um cara que eu pudesse, oh meu Deus! Eu tava bem de vida graça a Deus! Bem de vida assim, sobre meus estudo, né, mas eu larguei pra trás, né?

DOC:Humrum...

INF: Aí agora num posso fazer mais nada agora papagai' véi num conversa num... num... num fala mais nada só faz [graiada], né não?

DOC: {risos} Mas o senhô incentivô... quis que seus filhos estudassem

INF: Graças a Deus! Eu tenho maior alegria, o pôco que ele estudô um do casal, né?

DOC:Hum...

INF: Eu só tenho um casal, né, um fez até a... o ginásio aí num estudô mais porque ele já... já... já... já... já tava falando grosso então não podia forçá ele... ele... ele já tava fazendo o que ele queria, né? ...

*DOC:*Humrum...

INF: ... o que queria seguí, num queria ir pra escola mais e a menina que estudava junto com ele desde os cinco ano tudo... tudo os dois na... na Normal, os dois todo dia ia...

*DOC:*Humrum...

INF: ... aí a menina graças a Deus estudô até o terceiro ano formô hoje ela é professora [ensina] dois turno e além disso ela ainda estuda aí na... na... na UESB ainda

DOC: É? Ela faz o que na UESB?

INF: Eu num... numsei não que eu num entendo esse negócio...

DOC: {risos}

INF: ... ela tá estudando lá agora... agora num sei pra quê...

*DOC:*Hum...

INF: ... ela tá até aí, agora... que ela entrô aí [aquela hora]

DOC: {INIT}

*INF:*Eh... cê tem umas vista boa porque no escuro...

DOC: {risos}

INF: ... porque tá enxergando aí

*DOC:*Eh... o senhô veio morá aqui nesse bairro faz pôco tempo ou...?

INF: Nada, aqui é *Cento*, primeiro eu... eu desde de idade de... de dezessete ano fui morá mais... mais um irmão meu aqui na... na... numa casa aqui embaixo

*DOC:*Hum...

INF: Depois disso aí quando eu casei eu morei mais... mais minha mulher nessa casa aqui acho que uns... quas' doze ano daqui derrubô essa casa pra remodelá alu... alu... aluguei uma ali fiquei mais *quato* ano dali fui lá po Alto Maron fiquei vinte dali voltei pra cá de novo

DOC: E o senhô viu muita diferença do Alto Maron pra cá ou...

INF: Hã?

DOC: ... é a mesma coisa?

INF: É nada aqui é muito melhor... é melhor tá mais perto do serviço tá no *Cento*...

DOC:Humrum...

INF:... e lá o bairro lá tava uma... uma... até um... um... uns vinte ano atrás era bom mas agora virou essa [climinazação] {ININT} danada, [mortalidade] de gente, moleque andando no meio da rua com revólver atirando no mei' da rua, né?

DOC:Hum...

INF: E aqui nada disso cê vê, né?

DOC: É, aqui é mais quieto, né?

INF: Aqui é calmo embora que tem gente ruim é tudo [quanto] é canto, né?

DOC:Humrum...

INF: Quando a pessoa tá sossegada num canto de vez em quando aparece um pra atentá um e outro, né? E aí po... e aí por diante

DOC: {risos}

INF: {risos}

DOC:Eh... tem alguma história assim de quando o senhô era criança que o senhô se lembre?

INF:Que eu *alembro* num *alembro* não

DOC: {risos}

INF: A... a... a história que eu *alembro* era assim só quando eu brincava só aí dava a... a... a... dava a boca da noite quando a lua era bonita aí... quando dava aquela... aquela turma ia tudo pra rua aí mas tinha que tá em casa cedo porque se não chegasse cedo era... era *sapeco*

DOC: {risos}

INF: Era... era... era isso é que era vida da roça era essa antigamente da gente

DOC: E na roça *eh*... o senhô tinha vizinhos ou era uma casa distante da ôtra?

INF: Distante da ôtra casa distante mas de vez em quando ajuntava aquela turma lá com... minha mãe saía minha mãe tinha duas barraca aqui na feira na época... aí, [pegava os animal] vinha pra barraca sexta-fêra e sábado então a gente é... nós era muito a escadinha assim ó {*Informante faz gesto com a mão*} já tudo *pescocinho* grosso já ela avisava: “chegá em casa quero água”... água ficava distante pra pegá ficava num pot' dess' tamanh' {*Informante faz gesto com a mão*} cabia quase vinte lata d'água... naqueles pote...

DOC:Hum...

INF: ... aí, {ININT} [ajuntava] aquela turma ela vinha... vinha pa fêra e nós... e nós brincava... brincava quando era assim a base de umas três hora tarde ficava perto de mamãe

chegá [uns] ia... ia po mat' assim... um mat' cortadim assim {ININT} tirá lenha botava aquela ruma lá num canto lá...

DOC:Humrum...

INF: ... que não existia gás {INIT} nessa época tud' era... era fogão a... a...

DOC: A lenha

INF: ... a lenha ôtos corria assim, tinhas umas cacimba assim pert' assim ó enchia... nós enchia os potão d'água ôta as mulé corria pegava aquelas vassorona de... de... de mato varria esse terreirão de fora a fora quando mamãe chegava nós tava igual um santinho lá tudo arrumadim tomad' banh' [ela levava] cada uns biscoitão... uns biscoitão que... que dess' nem existe mais dessa grossura assim ó {*Informante faz gesto com a mão*} que eu chamava chimango na época...

DOC: Chimango

INF:... era hoj' ... hoj' ... hoje nem... nem esse biscoito existe mais

DOC: Quando aqui em Conquista tinha micareta o senhô ia?

INF: Eu de vez em quando aqui a mulher aqui a vizinha aqui era uma tia minha aqui {ININT}esses rapazote esses [rapazão] nós fundava no mei' uns vestia saia e pintava de ruivo bo... botava batom e saía cê... cê precisava vê era... era... era [carola] mesmo... aí quando era de mei' dia pa tarde uma... assim... assim a base de umas três hora da tarde que começava tem... temp' de carnaval mesmo, né? ...

DOC:Humrum...

INF: ... descia era... era criança mais os pai mais a... mais mãe... a mãe deles {ININT} ficava lá até dez hora, hoje não... hoje não cê vai... cê vai que tinha esse carnaval que começava duas hora da manhã pra cê vê um trio, *nera*?

DOC:Humrum...

INF: Antigamente não era três hora da tarde cê via... todo mundo brincava na ma... na maior satisfação ali no... ôto bebia ôto... ôtos caía lá pra uns canto fica... ficava lá ninguém importava, né, ninguém mexia, né? ...

DOC:Humrum...

INF: ... mas hoje... naquele tempo era bom demais

DOC: Qual o tipo de música que o senhô gosta?

INF:Hum?

DOC: O tipo de música que...

INF: Viola

DOC: Viola?

INF: Violeiro aí agora {ININT} era comigo agora essas *musguinha* que eu vejo... dos playboyzinho chega num [palco] aí dá... dá uns três pulo lá isso num... num... pa mim num dô valô

DOC: [Cê] gostava de quê? Chitãozinho e Xororó?

INF: Deles tudo eu gosto essas música sertaneja eu gosto tudo aí ó essas música tudo eu gosto...

*DOC:*Hum...

INF:... {ININT} é o que mais gostava aquele de Jacó e Jacozinho Tônico e Tinoco esse pessoal aí ó... *eh...* é porque que eu esqueci o nome deles era Teodoro Sampaio esse cantô tudo, eu gostava deles tudo aí ó...

*DOC:*Hum...

INF: ...agora hoje não hoj' até... até os violeiro hoje acabô cê só ôve uma... uma música boa quando {INIT} cê compra um CD quando a pessoa acha um CD ou um DVD desse... desse... desse cantô de antigamente, né?

*DOC:*Humrum...

INF: ... a maioria também tud' já morreu também, né?

DOC: É

INF: ... mas ficô as gravação

SELEÇÃO DE DADOS

Corpus de Português Popular de Vitória da Conquista Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq			
NOME	SEXO	DATA DE NASC.	IDADE
(E.F.O)	M	16/ 04/ 1941	72 anos
VIAGENS PARA FORA	ESCOLARIDADE	NATURALIDADE	PROFISSÃO
Sim	4º Série	Vitória da Conquista	Barbeiro
OCORRÊNCIAS – ITEM LINGUÍSTICO AGORA			ANÁLISE
01	INF: eu nem alembro quando eu cheguei em [Ipipiri], agora quando eu cheguei lá pra [Zé Gonçalves], eu já tava... de nove pra dez anos de idade		Conector adversativo comutativo por mas anteposto ao verbo
02 03	INF: já tô com quarenta ano que vai fazer agora ni... agora ni ôubro faz quarenta ano		(1) Adv. de tempo [+ ref. futuro] (2) Adv. de tempo [+ ref. futuro]
verbo + adv. + preposição + adv.			
04	INF: lá na... um...um que abriu agora , lá na Olívia Flores {ININT}, ele lá		Adv. de tempo [+ ref. passado]
verbo + adv.			
05	INF: Ah, o jornal eu assisto, agora novela num assisto não		Conector adversativo comutativo por mas anteposto ao verbo
06 07	INF: ... agora , eu gosto mais de assistí é o jornal, agora assim, o jornal, eu assisto todo...		(1) Introdutor discursivo (2) Conector explicativo comutativo por mas anteposto ao verbo
08	INF: Se não chegasse nove hora, aí... aí, agora , a barba crescia... o cara era capaz de apanhar.		Conector adversativo comutativo por mas anteposto ao verbo

09	INF: Nós já foi em Olivença, já fui em Salvador... agora , quando eu tava em São Paulo, de vez em quando eu ia em Santos...	Conector adversativo comutativo por mas anteposto ao verbo
10	INF: estudava ABC todinho ali, agora , a professora abriu... abriu um burquinho assim num... num papel e colocava em cima das letra pros aluno não sabe que letra era aquela e era... era assim que nós tinha que continua	Conector adversativo comutativo por mas anteposto ao verbo
11	INF: ... [então], tinha uns cara com muito animal com uns carote de água, agora , saia de casa em casa vendendo aquela água, né? ...	Conector adversativo comutativo por mas anteposto ao verbo
12	INF: ... [eu falei assim]: “Tudo bem, agora , só tem uma coisa, cê vai me pagá.”	Conector adversativo comutativo por mas anteposto ao verbo
13	INF: ...nem sei sé viva mais... [eles] não tinha condições de... de pagá não coitado, [agora] {ININT} era tudo ladrão, né?	Conector adversativo comutativo por mas anteposto ao verbo
14	INF: o Brasil precisa de tanta coisa, tanta mudança, <i>num</i> é não? ... [agora] por enquanto ainda tá bom, porque o governo... o governo Lula foi... pra mim, eu... eu na... na minha idade... na minha idade que eu [entendi] por gente, que eu comecei a votar até hoje... foi um dos melhor presidente que eu já vi, foi Lula e nunca votei neles, né? ...	Adv. de tempo [+ ref. presente]
	adv. + preposição	
15	INF: ... de botá o... de botá os filho ni escola particulá, né? E aí, por diante, né?... agora , se eu fosse um cara que eu... se eu fosse um cara que eu pudesse, oh meu Deus! Eu tava bem de vida graça a Deus! Bem de vida assim, sobre meus estudo, né? Mas, eu larguei pra trás, né? ...	Conector adversativo comutativo por mas anteposto ao verbo
16 17	INF: ... aí, agora , num posso fazer mais nada. Agora , papagai' velho num conversa, num... num fala mais nada, só faz {ININT}, num é não?	(1) Conector adversativo comutativo por mas anteposto ao verbo (2) Introdutor discursivo

18	INF: ... ela tá estudando lá, agora não sei pra quê...	Conector adversativo comutativo por mas anteposto ao verbo
19	INF: ... ela tá até aí, agora ... que ela entrô aí [aquela hora]... cê tem umas vista boa, porque no escuro...	Adv. de tempo [+ ref. presente]
	locativo + adv.	
20	INF:... e lá, o bairro lá tava uma... uma... até uns...uns vinte ano atrás era bom, mas agora , virou essa [climinização] {ININT} danada, [mortalidade] de gente, moleque andando no meio da rua com revólver atirando no mei' da rua, né? ...	Adv. de tempo [+ ref. presente]
	Advérbio + adv.	
21	INF: Violeiro, aí agora {ININT} era comigo, agora essas musiquinha que eu vejo... dos playboyzinho chega num [palco] aí, dá... dá uns três pulo lá, isso pra... pra mim num dô valô	Adv. de tempo [+ ref. presente] Conector adversativo comutativo por mas anteposto ao verbo
	dêitico temporal + adv.	
22	INF: ... agora , hoje não, até os violeiro hoje acabô, cê só ôve uma... uma música boa quando cê compra um CD, quando a pessoa acha um CD ou um DVD desses cantô de antigamente, né?	Conector adversativo comutativo por mas anteposto ao verbo

Total de ocorrências:	22
Classificação	Ocorrências
Advérbio [referencia + presente]	04
Advérbio [referencia + futuro]	02
Advérbio [referencia + passado]	01
Conector adversativo	13
Conector explicativo	01
Introdutor discursivo	02